

KELI MARINA LOEZER DE SOUZA

JOVENS DO ENSINO MÉDIO: QUE TIPO DE FORMAÇÃO ELES
BUSCAM NA ESCOLA?

CURITIBA

2007

KELI MARINA LOEZER DE SOUZA

JOVENS DO ENSINO MÉDIO: QUE TIPO DE FORMAÇÃO ELES
BUSCAM NA ESCOLA?

Trabalho apresentado como requisito parcial à
conclusão do Curso de Especialização em
Organização do Trabalho Pedagógico – 7ª turma
da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Tais Moura Tavares.

CURITIBA

2007

A meus pais e sogros, pela motivação, sabedoria, carinho e experiência...

A meu esposo, pelo companheirismo, estímulo, paciência, motivação e amor necessário e fundamental.

A todos que acreditam e se identificam com os jovens.

AGRADECIMENTOS

A professora Tais Moura Tavares, por me nortear, direcionar e acalmar, nos diversos e diferentes momentos desta pesquisa.

“O mundo que nos cerca não é, apenas, uma criação do espírito; ele existe concretamente. É dele, pois, que devemos partir para construir outra coisa, isto é, outro mundo. (...) Quando consideramos a história possível e não apenas a história existente, passamos a acreditar que outro mundo é viável”. (Milton Santos, 1999, p. 12;14)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I.....	4
Dualidade histórica estrutural do Ensino Médio e suas conseqüências aos alunos.	4
A proposta de uma educação unitária para o ensino médio.	7
Entre o ideal e o real: Por onde anda o ensino médio na escola pública.	10
Capítulo II.....	15
A questão substancial: “Como o aluno(a) aprende”.....	15
Capítulo III.....	17
Algumas aproximações acerca de como são esses sujeitos jovens.	17
O que estes sujeitos jovens pensam sobre o ensino médio.	19
Capítulo IV.....	30
Pinhais – Fatores Históricos	30
Ensino Médio em Pinhais – Análise de dados do INEP.....	32
Capítulo V.....	35
Análise dos dados coletados	35
Quem é o aluno do ensino médio	35
Como é o Ensino Médio.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS	52
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO.....	52
ANEXO 2 – CARTA	58
ANEXO 3 - TABELA ANÁLISE DOS DADOS.....	59

RESUMO

Esta pesquisa sobre o ensino médio é fruto de inquietações advindas da prática cotidiana acerca do olhar do jovem para as questões cruciais que o circundam na sua formação escolar. Pesquisar sobre o tipo de formação que o jovem do ensino médio busca na escola tem o objetivo de tentar compreender melhor o olhar juvenil, a fim de entender se a formação que a escola vem disponibilizando aos jovens do ensino médio é condizente com suas necessidades, expectativas e perfil. Para isso traçou-se o objetivo de analisar se a formação oferecida pela escola atende as expectativas e necessidades reais desses jovens fazendo-os sentir-se seguros para vivenciar as necessidades externas a esta. Como referencial bibliográfico inicialmente procurou-se entender historicamente as causas da dualidade estrutural do ensino médio, ou seja, a freqüente indefinição da finalidade do mesmo, de um lado como formação profissional e de outro, como formação integral e se este contexto tem trazido conseqüências aos estudantes deste nível de ensino, em seguida fala-se sobre a proposta de uma educação unitária para o ensino médio compreendendo trabalho, ciência e cultura, ainda na fundamentação teórica, buscou-se refletir entre o ideal e o real, como está a educação do ensino médio hoje, como o aluno(a) aprende, como são esses sujeitos jovens (características), o que estes sujeitos jovens pensam sobre o ensino médio, alguns fatores históricos sobre a cidade de Pinhais onde ocorreu a pesquisa e alguns dados do INEP sobre o ensino médio em Pinhais. Compreende-se esta pesquisa como sendo exploratória com vistas ao materialismo dialético, quando este é entendido como um método de interpretação da realidade, foi utilizado o questionário como instrumento de coleta de dados, contendo 16 questões que foi aplicado em um colégio estadual da cidade de Pinhais para 40 jovens de ambos os sexos, das três séries do ensino e o desenvolvimento de cartas sobre o ensino médio entregue a 30 jovens. Diante das literaturas analisadas para construção deste trabalho bem como a análise dos questionários e cartas, chega-se a aproximações que não tem a pretensão de ser generalista e que de forma alguma é inovadora diante do que já se conhece, onde se percebe que a forma com esta organizada a formação em geral na escola de ensino médio hoje atende ao propósito no qual foi originada desde os primórdios que é o desenvolvimento de uma aprendizagem livresca e tradicional, de tal maneira que em muitos casos não ensina o aluno a entender e expressar o que pensa de modo aceitável de forma confusa como sendo extremamente bom o que ele vivencia, sem perspectiva de mudança. Porém faz-se necessário salientar que avanços fundamentais e expressivos estão “florescendo” de modo a amadurecer e preparar melhor os jovens, mas a falta de uma finalidade clara para este nível de ensino faz com que ele não seja tão importante quanto poderia ser na efetiva formação dos jovens.

INTRODUÇÃO

“Não escrevo de uma torre que me separa da vida, mas de um redemoinho que me joga em minha vida e na vida “. (Morin, 1997, p.9)

Tudo que será exposto neste trabalho, pode ser considerado com a necessidade mais profunda de buscar conhecer possibilidades de superação desta maré de distorções na finalidade formativa da escola em todos os níveis, mais em especial, no ensino médio quando se trabalha com sujeitos jovens. Acredita-se que é preciso ouvir o que os jovens tem a dizer, como um dos impulsos para buscar novos caminhos. Algumas políticas implantadas com o neoliberalismo, modificaram de forma intencional a rotina e a finalidade da escola, incutindo de maneira silenciosa e perigosa mudanças estruturais que abalaram as reais motivações pela qual existe a formação escolar, por alguns anos isso permaneceu tão oculto que os próprios profissionais da educação, não em geral, mais em sua maioria foram perdendo o objetivo político do seu trabalho, sendo a educação considerada como mais um produto da mercantilização. Está-se sofrendo até o momento conseqüências dessas mudanças que não foram pensadas e estruturadas por quem trabalha com a educação mas que promoveu um desmonte das condições de trabalho e da subjetividade do profissional da educação, o que reverteu em diminuição da motivação, utopia e convicção do professor e conseqüentemente em perda da qualidade nos processos de aprendizagem ocorridos na escola, o que afetou diretamente o aluno.

Por trabalhar com o universo juvenil, muito me inquieta e angustia visualizar na maioria dos educandos um vazio e um imobilismo como se algo não estivesse bom, mas indiferente, então efetuam atos mecanizados, ou seja, é só ficar dentro da sala de aula, copiar algumas coisas, dar um jeito de tirar nota e passar de ano. Aonde esta alegria de verdadeiramente conhecer algo novo, construir, criar, pensar. Será que eles pensam nisso?, será que estão satisfeitos? Será que podia ser diferente? Será que querem falar sobre a sua formação?. São questionamentos que me levaram a pesquisar sobre esse tema. Tentando clarificar ou organizar tantas idéias, estabeleci como objetivo analisar do ponto de vista do aluno, se a formação oferecida aos jovens do ensino médio é condizente com as suas necessidades, expectativas e perfil, é claro

que se apresenta como um objetivo amplo para as dimensões de uma pesquisa monográfica, porém justifica-se a clareza das limitações de tempo, espaço e organização, sendo portanto uma pesquisa restrita diante do que pode ser ainda explorado do tema, acrescenta-se ainda que esta não tem a pretensão de ser absorvida como uma verdade absoluta, mais tem a motivação de ser uma iniciação a reflexão acerca desta temática. Partindo do pressuposto de que,

“[...] é extremamente reduzido o número de pesquisas desenvolvidas junto a alunos desse nível de ensino. Os educadores, preocupados com o ato pedagógico, têm, na maioria das vezes, canalizado seus esforços na análise dos currículos e na observação do comportamento do professor. O aluno, em geral, é relegado a segundo plano. No entanto, o aluno é fundamental para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem; e conhecê-lo é indispensável para a definição de diretrizes políticas e educacionais”. (Franco, 1994, p.47)

A realização prática da pesquisa foi efetuada em uma escola pública da cidade de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, que oferta ensino fundamental de 5ª a 8ª e ensino médio, possui aproximadamente 350 alunos nos períodos da manhã e tarde e no noturno cerca de 100. Foi formulado um questionário contendo 16 questões que foi respondido por 20 jovens do 1º e 3º ano do ensino médio diurno, não sendo possível com o 2º ano devido a atividade extra classe na data da coleta de dados.

A construção teórica da pesquisa fundamentada por referências bibliográficas foi organizada através de 4 capítulos:

O primeiro fala sobre o ensino médio e suas questões estruturais, através de 3 títulos – Dualidade histórica estrutural do Ensino Médio e suas conseqüências aos alunos, a proposta de uma educação unitária para o ensino médio e entre o ideal e o real: Por onde anda o ensino médio na escola pública.

O primeiro título reflete a forma de estruturação do ensino médio em diferentes tempos, ora como formação profissional, ora como formação integral servindo mais a interesses políticos do que educacionais, buscando compreender a finalidade do mesmo, o segundo reflete o que esta sendo cogitado hoje como finalidade que é um formação voltada para a ciência, a cultura e o trabalho buscando a formação completa dos sujeitos jovens que o freqüentam e o terceiro procura compreender o que realmente esta sendo vivenciado na escola pública até o momento.

O segundo capítulo possui um título apenas que se debruça sobre como o aluno aprende, se apresentando como um proposta diferente de organização do

trabalho na escola que hoje volta a sua atenção de forma principal a idéia de como ensinar e não de como o aluno aprende.

O terceiro capítulo é constituído por 2 títulos sobre formação e juventude um aborda aproximações acerca de como são os sujeitos jovens (gostos, preferências, perfis, etc) e o outro os que esses jovens pensam do ensino médio.

No quarto e último capítulo aborda a cidade de Pinhais local da coleta de dados através de dois títulos o primeiro traz as questões históricas e estruturais da cidade e o segundo analisa dados do INEP sobre a educação do ensino médio na cidade.

Capítulo I

Dualidade histórica estrutural do Ensino Médio e suas conseqüências aos alunos.

Seguindo a história da educação brasileira, o ensino médio ou ensino secundário (como foi chamado na época) surgiu primeiramente para atender a classe dominante, levando até estes um ensino acadêmico com vistas à continuidade no ensino superior.¹

Até a década de 40 existiam para classe trabalhadora escolas de ofício destinadas aos filhos de pais reconhecidamente pobres, porém estes ensinamentos não eram considerados escolares. Apenas com a aprovação das Leis Orgânicas dos Ensinos Industrial, Secundário, Comercial, Normal e Agrícola é que o ensino profissional foi elevado como grau médio, porém persistia a divisão entre secundário e profissional com funções pedagógicas distintas, conforme a origem social do aluno.

Foram realizadas durante a década de 50 e 60 inúmeras tentativas para que os alunos do 1º ciclo de qualquer ramo tivessem acesso ao segundo ciclo secundário e depois a igualdade de acesso ao vestibular. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 4024/61 foram criados dispositivos que aumentaram a autonomia das escolas e dos estados em relação ao ensino industrial, tentando-se reduzir o objetivo de estreita profissionalização do 1º ciclo, ou propondo-se reestruturações do ensino secundário. A intenção era romper com a dicotomia entre ensino técnico destinado aos filhos de trabalhadores e o acadêmico destinado às elites.

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 5692/71 - promoveu uma reviravolta de 180°, pois efetivou a profissionalização universal e compulsória para o 2º grau, o que num primeiro momento transformou o modelo humanístico/científico proposto pelo ensino secundário, em científico/tecnológico. Algumas justificativas que embasam esta mudança apontam que a educação deste

¹ Neste capítulo foram usadas as seguintes obras para fazer o histórico com ensino médio no Brasil, bem como as análises a respeito: KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**.2000; FRANCO, Maria Laura Puglisi. **Ensino Médio: Desafios e Reflexões**.1994; CIAVATTA, Maria e FRIGOTTO, Gaudêncio. **Ensino Médio: Ciência, Cultura e Trabalho**. 2004.

nível modificou-se em favor do sistema econômico que estava em acelerada expansão nacional, ou seja, a idéia era preparar recursos humanos para absorção pelo mercado de trabalho. Com isso a educação escolar de grau médio passou a ser vista pela sociedade como via privilegiada de acesso a hierarquias ocupacionais e de mobilidade vertical no interior desta, o que gerou pressões para a ampliação do ensino de nível superior, que foram atendidas pelo governo, provocando rapidamente o aparecimento de sintomas de distorção e saturação no campo empresarial. Desta mudança proposta pela LDB 5692/71 surgiram dificuldades para o ensino médio que perduram até hoje, pois o ensino profissionalizante imposto para servir as leis de mercado foi irrealista, pois não havia estrutura tanto física quanto intelectual. Em consequência, da forma como foi aplicado, o ensino profissionalizante produziu frutos tais como: falsificação grosseira de suas finalidades, desqualificação, fracasso e, pior, não diminuiu a dualidade nítida entre os que eram formados para desempenhar funções intelectuais e os eram formados para desempenhar funções instrumentais.

Antes mesmo de ser implementada fortemente a profissionalização compulsória caiu por terra, uma vez que se constatou que o crescimento da economia neste período não se concretizou, o que fez com que em 1975, através do parecer 76 do Conselho Federal de Educação fosse estabelecida a modalidade de formação geral para o trabalho, o que foi posteriormente traduzido na lei nº7044/1982 que extinguiu a compulsoriedade da profissionalização no ensino de 2º grau. Desta forma retornou-se ao que existia antes de 1971, escolas propedêuticas para as elites e profissionalizantes para os trabalhadores, com o intuito de atender às demandas da divisão social e técnica do trabalho marcada pela definição de fronteiras entre intelectuais e trabalhadores instrumentais. O princípio educativo que determinou o projeto pedagógico da formação profissional derivava de uma determinada concepção de qualificação profissional que a concebe como resultado de um processo individual de aprendizagem de formas de fazer, definidas pela necessidade da ocupação a ser exercida. Nessa concepção o desenvolvimento das competências intelectuais superiores e o domínio do conhecimento científico-tecnológico não se apresentavam com necessidades para os trabalhadores.

Porém, em decorrência das mudanças ocorridas no mundo do trabalho pela globalização da economia e pela reestruturação produtiva, as velhas formas de

organização deixam de ser dominantes. O novo discurso refere-se a um trabalhador de novo tipo, com capacidades intelectuais que lhe permitam adaptar-se a produção flexível, que seja capaz de comunicar-se adequadamente, que domine códigos e linguagens, incorpore além da língua portuguesa a língua estrangeira, que tenha autonomia intelectual e moral e a capacidade de comprometer-se com trabalho. Com isso percebeu-se que não é possível a participação social, política e produtiva sem pelo menos 11 anos de educação escolar, fazendo com que o ensino médio perdesse seu caráter de intermediação entre educação fundamental (geral) e superior (profissional) para constituir-se na última etapa da educação básica, embora esta proposta fosse irreal a princípio, foi reconhecida a necessidade de expansão do ensino médio, até que este atinja toda a população de 15 e 16 anos, já não analisava-se a formação profissional desvinculada de uma sólida base de educação geral.

Essas novas mudanças no mundo social e produtivo exigiram a formulação de outra concepção educacional que articula-se formação científica e sócio-histórica à formação tecnológica, para superar a ruptura historicamente determinada entre uma escola que ensine a pensar através do domínio teórico-metodológico do conhecimento socialmente produzido e acumulado e uma escola que ensine a fazer, através da memorização de procedimentos e do desenvolvimento de habilidades psicofísicas, porém há que se reconhecer que o ensino médio não tem sido para todos, e que embora o compromisso do Estado seja com a sua universalização, os recursos orçamentários propostos não cobrem tal despesa, o que nos faz perceber que isso ainda é busca para algum tempo, uma vez que a democratização do ensino médio não se encerra na ampliação de vagas, exige espaço físico adequado, bibliotecas, laboratórios, equipamentos e professores concursados e capacitados, tem-se clareza também que uma nova concepção de ensino médio só será plenamente possível em uma sociedade em que todos desfrutem igualmente das mesmas condições de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos, na qual os jovens possam exercer o direito à diferença, sem que isso se constitua em desigualdade, de tal modo que as escolhas por determinada trajetória educacional e profissional não seja socialmente determinada pela origem de classe.

Percebemos que se por um lado esta dualidade histórica mostra seu caráter perverso, por outro simplesmente estabelecer um modelo único não resolve a questão,

posto que submeter-se os desiguais a igual tratamento só faz aumentar a desigualdade. A nova LDB 9394/96 trouxe consigo o desafio de colocar como objetivo do ensino médio a articulação entre o acadêmico e o profissional. Porém o que se observa na realidade cotidiana e também nas literaturas é que o ensino médio não se efetivou para os trabalhadores, ou seja na escola pública como propõe a lei, talvez pelos desgastes e incerteza históricas, ou pelo fato de que também a nova LDB não nasceu dos educadores, mas de decisões tomadas pelo alto, pelo poder executivo, mediante medidas provisórias e decretos, o projeto posto pelo educadores foi substituído por um outro que se adequasse aos interesses governamentais com sua política de ajuste pontual no campo educacional, tornando-se uma lei minimalista. Por outro lado esta mesma lei instigou os educadores a se reunirem para pensar o ensino médio através de seminários como o Seminário Nacional de Educação Profissional “Concepções, Experiências, Problemas e Propostas”, realizado entre 16 e 18 de junho de 2003 e o Seminário Ensino Médio: Construção Política realizado de 4 à 6 de junho do mesmo ano, nestes buscou-se a participação ativa dos professores nos debates sobre a construção coletiva de uma política de ensino médio que o consolide como etapa final da educação básica e direito de todos os cidadãos. Em suma pretende-se efetivamente uma base unitária e tecnológica para o ensino médio, que proceda a revisão das distorções introduzidas pelas reformas do tempo da ditadura e as da última década, que protagonizou a mercantilização da educação no Brasil.

A proposta de uma educação unitária para o ensino médio.

Depois de alguns retrocessos e avanços, nos deparamos hoje com a necessidade de efetivamente construir o ensino médio para os trabalhadores como a última etapa da educação básica e não mais como uma forma de se tornar mão de obra para o mercado de trabalho. Com isso pretende-se uma educação unitária, no sentido de um método de pensar e de compreender as determinações da vida social e produtiva, que articule trabalho, ciência e cultura na perspectiva de emancipação humana frente aos vetos a cidadania plena e a conquista de uma vida digna. Para tanto é necessário que o ensino médio defina sua identidade como última etapa da educação básica. O trabalho deve ser compreendido não como mera adaptação à organização

produtiva, mas como princípio educativo no sentido da politecnicidade ou da educação tecnológica, em que os conceitos estruturantes sejam trabalho, ciência e cultura; em que o trabalho seja o primeiro fundamento da educação como prática social, princípio que organize a base unitária do ensino médio. A ciência deve apresentar conhecimentos que, produzidos e legitimados socialmente ao longo da história, fundamentam as técnicas. À cultura cabe a síntese da formação geral e da formação específica por meio das diferentes formas de criação existentes na sociedade, com seus símbolos, representações e significados.

Pretende-se com isso que sejam desenvolvidas possibilidades formativas que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais econômicas dos sujeitos que os constituem, adolescentes, jovens e adultos, reconhecendo-os não como cidadãos e trabalhadores de um futuro indefinido, mas como sujeitos de direitos no momento que cursam o ensino médio. Isso implica garantir o direito de acesso aos conhecimentos socialmente construídos, tomados em sua historicidade, sobre uma base unitária que sintetize humanismo e tecnologia.

Nesta perspectiva de formação humana do ensino médio, o trabalho é visto como o primeiro fundamento da educação como prática social e na base da construção de um projeto unitário de ensino médio que, enquanto reconhece e valoriza o diverso, supera a dualidade histórica entre formação básica e formação profissional, está a compreensão do trabalho no seu duplo sentido: ontológico e histórico. Ontológico porque visto como práxis humana e então como forma que o homem produz sua própria existência na relação com a natureza e com os outros homens e, assim produz conhecimentos e histórico, pois que no sistema capitalista se transforma em trabalho assalariado ou fator econômico, forma específica da produção da existência humana sob o capitalismo, portanto, como econômica e práxis produtiva que baseadas em conhecimentos já existentes, produzem novos conhecimentos.

O sentido e o significado desta concepção apontam que o ensino médio, como educação básica, tem como eixo central a articulação entre ciência/conhecimento, cultura e trabalho e como tal não pode estar definido por uma vinculação imediata e pragmática, nem com o “mercado de trabalho”, nem com o “treinamento” para o vestibular. Nisto reside um ponto central para recuperar seu sentido de educação básica que faculte aos jovens as bases para compreender o mundo da natureza, das

coisas e o mundo humano/social, político, cultural, estético e artístico. Essa compreensão enfatiza que o ensino médio não está dissociado da vida e portanto, do mundo do trabalho, porém não tendo este como alienação da vida, mas como meio de vida. A conexão entre ciência, conhecimento, cultura e trabalho efetiva-se não pelo caráter específico nem generalista ou pela antinomia entre uma escola de conteúdo ou não conteudista. Dá-se mediante um modo ou um método de pensar ou de compreender a construção das determinações dos fenômenos da natureza e da vida social, cultural e política, permitindo ao mesmo tempo superar os viés do mecanicismo, do economicismo e também uma tendência paralizadora do culturalismo.

No plano curricular, se concebemos que o ensino médio articula ciência, cultura e trabalho e seu caráter é de formação básica, e que portanto, cabe a ele desenvolver os conceitos básicos das diferentes ciências mediante um método ou modo crítico de pensar a realidade, não há como negar um processo de especificidade dos campos científicos e do sentido acumulativo (não linear, mas dialético) destes. Partir dos sujeitos concretos e de sua diversidade cultural não implica negar a especificidade dos campos científicos, nem reduzir o conhecimento à experiência do senso comum e a um permanente presentismo.

Nesta lógica proposta de uma educação de ensino médio unitária, não se concebe a educação como forma de propiciar às crianças, aos jovens e adultos da classe trabalhadora melhores condições de adaptação ao meio. Conquanto a educação contribua para uma certa conformação do homem à realidade material e social que ele enfrenta, ela deve possibilitar a compreensão dessa mesma realidade, apropriando-se dela e transformando-a.

Na construção de novas perspectivas para o ensino médio unitário, como momento histórico da formação de sujeitos individuais e coletivos, que congrega em si a síntese do diverso, o trabalho, a ciência e a cultura são princípios estruturantes e devem ser resgatados como meio para a compreensão e a transformação do mundo atual.

Entre o ideal e o real: Por onde anda o ensino médio na escola pública.

A reflexão acerca da proposta trazida pelo ensino médio unitário que agrega ciência, cultura e trabalho se apresenta como um avanço diante dos reducionismos propostos para a formação da classe trabalhadora. Porém visualiza-se que embora ideal essa proposta ainda não apresenta-se como real no contexto das escolas públicas de nível médio. O que percebe-se ao contrário é um tempo de crise, desmotivação e equivocada formação. O que se pretende com a análise acima explicitada, não é trazer à tona um tempo de desesperança e negativismo, mas sim uma reflexão acerca da prática desenvolvida no chão da escola atualmente.

Não há como deixar de reportar-se à história para procurar entender o que acontece-se na escola de nível médio hoje em relação à formação como uma das finalidades primeira. Se recordamos um pouco lembraremos que, o ensino médio para os trabalhadores surgiu como uma forma de instrumentá-los para atender às demandas sociais, portanto os que os ensinavam caminhavam conforme este viés, um pouco mais adiante na história foi percebido que não adiantava “profissionalizar” todo mundo por que não havia demanda que atende-se a todos, então o que ocorreu foi a inserção da “educação geral” acompanhada pelo questionamento do que ensinar e com que finalidade. E em seguida a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 propõe uma ideia inovadora de ensino médio que prepare o cidadão para atuar de forma reflexiva na sociedade na qual está inserido, frente a esta análise podemos entender melhor o conflito da escola conforme a comparação de Esteve:

“ A situação da escola perante a mudança social é comparável à de um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior clássica e severa. A primeira reação dos atores seria a surpresa. Depois tensão e desconcerto, com um forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis afim de pelo menos, obter uma explicação. Que fazer? Continuar a recitar versos, arrastando largas roupagens em metade de um cenário pós moderno? Parar o espetáculo e abandonar o trabalho? Pedir ao público que deixe de rir para que se ouçam os versos? O problema reside em que, independentemente de quem provocou a mudança, são os atores que dão a cara. São eles portanto, quem terá que encontrar uma saída

honrosa, ainda que não sejam os responsáveis diretos”. (Esteve, 1991, p.97).

O que quer se afirmar é que principalmente para a escola pública as mudanças não são neutras porque a escola não é neutra, tem-se um objetivo político geralmente oculto da “escola pobre para os pobres”. Com isso não se quer dizer que os componentes desta escola descrita são em sua totalidade passivos a esta realidade. Nos últimos anos, há uma espécie de desorientação em termos mundiais: crise da racionalidade, fim das utopias, subjetivismo, mudanças no ordenamento mundial, revolução tecnológica, exacerbação religiosa, etc., alguns dos traços que caracterizam a chamada pós modernidade e que tem refletido de forma incisiva na educação uma vez que esta é responsável por trabalhar com a produção de sentidos, o que preocupa de forma séria a classe dominante que esforça-se para que a ação política não seja tematizada nas escolas, mas que ao contrário crie-se uma atmosfera de conformidade onde tudo parece “perfeitamente normal” .

De um modo geral, da maneira como vem funcionando, a escola serve como instrumento de introjeção ideológica, fazendo com que o futuro trabalhador aprenda desde cedo a submissão, a executar tarefas sem sentido, a reconhecer que existe uma cultura dominante que é superior a sua, ou melhor que sua cultura vale pouco ou nada. Neste aspecto, a escola, através de seus conteúdos e, principalmente de suas práticas, acaba favorecendo esta “harmonia”. A disciplina autoritária da escola não pode mudar, caso contrário as instituições e os padrões terão mais trabalho para “ajustar” os indivíduos às engrenagens sociais.

Embora haja no ambiente escolar apelo em favor da mudança, advindos dos professores em termos profissionais(formação, remuneração, valorização), pedagógicos (desinteresse dos alunos, indisciplina, baixa aprendizagem) e institucionais (número de alunos, instalações, materiais), dos alunos (aulas desinteressantes, professores desqualificados, salas de aula lotadas), da direção (ausência de verbas, de professores), entre outros, efetivamente esta mudança não vem se concretizando, uma vez que a transformação da realidade não se dá de forma espontânea, automaticamente; pelo contrário, se deixada a si, a tendência é, em função da lógica reinante, aprofundar cada vez mais as contradições.

Portanto acredita-se que não é apenas má vontade ou desinteresse como é afirmado em alto e bom tom, os temas geradores da não efetivação da mudança necessária na escola, existe uma alienação muito maior que a mantém de forma mecanicista e pouco significativa. A escola que temos como real ainda esta fortemente organizada pela metodologia expositiva, o grande trabalho se concentra na exposição verbal da matéria e a prática pedagógica da aula freqüentemente apresenta a seguinte seqüência: Apresentação do ponto de estudo, resolução de um ou mais exercícios modelo, proposição de uma série de exercícios para os alunos resolverem. O professor dá o ponto e pode até perguntar: “alguma dúvida?”, “Vocês entenderam?”, mas os alunos nem sempre se dispõem a apresentar as dúvidas, pois já sabem por experiências anteriores, que essa pergunta é mera formalidade, ou seja, o professor não demonstra interesse pela dúvida do aluno. Ainda encontra-se profissionais com a seguinte postura: “Não pergunte, que eu quero seguir a aula”, que sente-se ofendido com a dúvida do aluno entendendo-a como um atentado a sua capacidade de ensinar, que não gosta de ser interrompido quando esta falando. Nesta metodologia o aluno recebe tudo pronto, não problematiza, não é solicitado a fazer relação com aquilo que já conhece ou a questionar a lógica interna do que está recebendo e acaba se acomodando. Esta prática é caracterizada pelo ensino “blá-blá-blante”, salivante, sem sentido para o educando, meramente transmissora, passiva, acrítica, desvinculada da realidade, descontextualizada.

Por outro lado analisa-se que os próprios educadores, muitas vezes, também são vítimas de uma formação alienante, não sabem o porquê daquilo que dão, não sabem o significado daquilo que ensinam e quando interrogados dão respostas evasivas: “é pré-requisito para as séries seguintes”, “cai no vestibular”, “hoje você não entende mais daqui a dez anos vai entender...”. Conforme Alves, 1981:

“ Podemos comparar a situação dos educadores à de remadores, no porão de uma galera. Todos estão suados de tanto remar e se congratulam uns com os outros pela velocidade que conseguem imprimir ao barco. Há apenas um problema: ninguém sabe para onde vai o barco, e muitos evitam a pergunta alegando que este problema está fora da alçada de sua competência”.(Alves,1981, p.86)

A questão do sentido da escola, da sua função e finalidade é decisiva para se entender o que está acontecendo hoje com a educação. Com diz Guy Cop², a perversão da escola é que ela promete mais do que pode dar. E parece que os educadores em geral não sabem o que colocar no lugar, se não participarem da “mentira útil” de afirmar que a escola permite, efetivamente, a equalização das oportunidades sociais. Diante do questionamento dos alunos sobre o sentido do estudo, os professores confusos não tem o que responder. Alguns chegam a se irritar. Uma grande maioria continua afirmando que se deve estudar para “ser alguém na vida”, sem explicitar muito bem o que isto significa, ou deixando nas entrelinhas o que se pensa no senso comum: ter um bom emprego, ter status, reconhecimento social. Acontece que os alunos estão tendo cada vez mais clareza de que isso não corresponde à realidade.

Chegam mesmo a pensar ou a dizer, num tom até de provocação: “professor, eu vou estudar para ser isto que você é?”... Outra vez nem discutem, numa espécie de complacência para com o professor. Porém não se trata de uma acusação aos professores em geral, numa análise moralista, onde não há esforço para compreender a situação sobre a qual se emite o juízo. Mesmo porque percebe-se que não é um ou outro professor que esta apresentando esta atitude de desorientação, mais vários, o que nos leva a analisar que isso é reflexo de contrastes mais profundos de natureza histórico social, na qual o professor participa porque também não está vendo outro sentido.

Quando falta o sentido para o estudo, há a tendência de distorção do uso do poder: ao invés de ser uma forma de provocar o educando para o crescimento, passa a ser autoritário, utilizado para silenciar, enquadrar o aluno em algo absolutamente sem sentido. Percebe-se com estas análises que um dos grandes problemas para a escola pública hoje é a falta de um sentido assumido socialmente. Há uma afirmação genérica de “formação para a cidadania”, porém não se define com exatidão o que isto quer dizer.

A falta de perspectiva principalmente para os jovens em relação à sociedade como um todo e, em particular a escola é, pois um dos sérios problemas do ensino hoje. A situação está grave uma vez que, como foi apontado, ao mesmo tempo em que

² G. Coq, Massa x Elite não é a questão, Folha de São Paulo, Caderno World Media, 6 de junho de 1993, p.4.

vem sendo desmontado o mito da ascensão social através da escola, motivação extrínseca que mobiliza pais e alunos até então, os educadores não estão sabendo articular um novo sentido, já que eles próprios, seja em função de sua imersão neste turbilhão ou de seu desgaste profissional, também estão sem perspectiva, perderam os mapas e enquanto o professor e a escola não reencontrarem, o sentido fundamental de sua missão, a crise perdurará.

Porém, quando as pessoas se vêem desorientadas, quando desmontam as mentiras do sistema, quando as sucessivas promessas desmoronam voltam-se para as questões mais elementares e decisivas. A educação escolar tem que ter finalidades, metas, objetivos, a serem alcançados, não é um processo aleatório, é um processo em que está implícita uma diretividade, que não é porém estática, nem dogmática, sendo permeada pela interação entre os elementos participantes, que devem nele atuar com sujeitos. Neste eixo resgata-se a educação escolar como a tarefa de procurar motivar, de provocar, despertar o desejo, bem como a interação dos desejos (professores e alunos) visando a formação e a construção dos seus agentes. É neste viés que passa a força maior que sustenta o trabalho: é só na medida em que temos uma perspectiva, um projeto, um desejo, uma esperança, é que continuamos na luta.

Analisa-se que a tarefa pedagógica básica que vem se colocando é quanto ao que fazer para que o aluno possa se apropriar do saber de uma maneira o mais significativa, concreta, transformadora e duradoura possível, porém a maneira como vem sendo aplicada reproduzindo um caráter expositivo e mecânico não atinge, talvez o olhar esteja muito voltado para o “como ensinar”. Atualmente se percebe que um dos caminhos possíveis para a superação desta questão, esta no deslocamento da ênfase, ou seja, deve-se buscar um outro eixo de definição: “como o aluno aprende?”, uma vez que a ação pedagógica a ser desenvolvida depende fundamentalmente do modo de ser da aprendizagem do aluno.

Capítulo II

A questão substancial: “Como o aluno(a) aprende”.³

Diante da análise de como a escola vem se desenvolvendo historicamente até a atualidade parece-nos que temos efetivado esta escola sem levar muito em conta esta questão tão expressiva, entender como acontece a construção do conhecimento na pessoa humana e portanto no educando.

Pelo que estamos desenvolvendo na escola hoje, transparece que o ato de construir o conhecimento; de aprender, esta ligado a forma como estamos adaptados a receber o que nos é transmitido, portanto aprender nessa concepção é decorar os conceitos transmitidos de modo que no momento da avaliação possa se demonstrar que “se sabe”.

Porém ao buscarmos os fundamentos epistemológicos do processo de conhecimento, nos remetemos à teoria do conhecimento, e percebemos que o evento básico de toda teoria do conhecimento é a relação entre sujeito e objeto. Nesta relação sujeito-objeto, o objeto resiste à ação do sujeito e o obriga a se modificar. “Não há nem identidade preestabelecida, nem redução total de um ao outro, nem exterioridade radical, mas uma série de ações e de reações que mostram o esforço da idéia para envolver ou modificar a coisa e a resistência da coisa que obriga a própria idéia a se modificar. Sem estes conflitos, haveria uma estagnação do conhecimento.

Conhecer é construir significados (“produto”), através do estabelecimento de relações (“processo”) no sujeito, entre as representações mentais (“matéria prima”) que visam dar conta das diferentes relações constituintes do objeto, ou das diferentes relações do objeto de conhecimento com outros. Conhecer é substituir essa mistura de confusão e de dissociação, que é a representação puramente concreta das coisas pelo mundo das relações, essas relações vão sendo buscadas no tempo e no espaço, bem como no campo lógico. A construção das relações de constituição do objeto na representação do sujeito, por sua vez, tem por base as representações que o sujeito já

³ As obras principais que nortearam as análises e abordagens deste capítulo foram: VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**.1999 e VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 2003.

tem, sua cultura, seu quadro de significações, seus conceitos, imagens. O ensino se define como um processo duplo: acumulação de conhecimentos e domínio dos modos de operar com eles.

Portanto, para construir um conhecimento novo, o sujeito precisa recorrer a representações mentais prévias relativas ao objeto e ser estimulado a perceber-se capaz de operar com estas representações, bem como de transformá-las, criá-las. Precisa-se entender que existem condições necessárias para a construção do conhecimento, o sujeito precisa “querer”, sentir necessidade. Epistemologicamente, este “querer” implica no rastreamento e no trazer a nível consciente/pré-consciente as representações mentais que o sujeito tem e que, de alguma forma, estão relacionadas ao objeto em estudo, precisa ter estrutura de assimilação para aquele objeto, precisa ter certos conhecimentos anteriores relacionados aos novos. Não se tratam de “pré-requisitos” naquele sentido mecânico e linear/unilateral, mas de “trilhas epistemológicas”, “redes” que pode seguir na construção do novo conhecimento.

Outra questão a ser colocada, é que, não se cria a partir do nada; ninguém conhece algo totalmente novo. O conhecimento novo se constrói no sujeito a partir do seu conhecimento anterior/prévio/antigo. Começamos a conhecer “deformando” o objeto, adaptando-o aos nossos esquemas mentais representativos, o conhecimento conceitual é construído tendo como mediação fundamental a linguagem verbal, no decorrer do processo de conhecimento, o sujeito precisa se expressar; a expressão implica antes de mais nada, na organização das representações (relação pensamento-linguagem), além de possibilitar a comunicação, há interação com o outro.

O conhecimento portanto é estabelecido no sujeito por sua ação sobre o objeto, mas esta ação deve ser consciente e voluntária para ser intencional, uma vez que o processo de construção do conhecimento no sujeito passa por momentos de Síncrise, Análise e Síntese, para captar as relações de constituição do objeto, o sujeito precisa analisá-lo, o que significa dizer que deve “decompô-lo em suas partes constituintes, sem, no entanto perder a dimensão do todo. A representação gráfica de um conceito é apenas o “invólucro” de um movimento, se apropriar do conceito, não é ser capaz de repeti-lo, é entrar no seu movimento de gênese e desenvolvimento, percebendo que o

conhecimento não se dá de uma vez (não é linear), mas por aproximações sucessivas (avanços, recuos, estagnações), visando sínteses em níveis cada vez mais elevados.

Diante de situações problematizadoras, o sujeito elabora hipóteses, o estabelecimento da contradição no sujeito possibilita o avanço do conhecimento em direção a um patamar de maior complexidade e abrangência. Assim compreende-se que o conhecimento não é “transferido”, ou “depositado” pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é “inventado” pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. Isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado pelo aluno, para se constituir em conhecimento dele. Caso contrário, o educando não aprende, podendo, quando muito, apresentar um comportamento condicionado, baseado na memória superficial. É preciso conhecer e respeitar o processo de construção do conhecimento do aluno, não apenas nos documentos oficiais, mas como prática cotidiana, afim de que consigamos efetivamente atingir as necessidades educacionais dos educandos, atendendo as expectativas de aprendizagem que eles trazem.

Capítulo III

Algumas aproximações acerca de como são esses sujeitos jovens.

Muitas são as formas e diferentes são os olhares e interpretações sobre a juventude. Cada autor tem uma maneira diferente de expressar esse ser jovem, alguns até afirmam que o conceito de juventude ultrapassa a questão de idade sendo marcada fortemente pela característica expressada pela pessoa. Madeira, levanta um questionamento Juventude Brasileira ou Juventudes Brasileira?, ela afirma que:

È comum nos estudos que tratam da juventude, a defesa da idéia de que os jovens acham-se tão segmentados, quanto à sociedade como um todo. È tal a heterogeneidade de situações que vivenciam os jovens no Brasil de hoje, que é difícil pensá-los como categoria única. Além da faixa etária, poucas são as semelhanças tanto na vivência cotidiana, como nos projetos de vida. (Madeira, 1998, p.427)

Porém para além das diferenças que efetivamente existem, acredita-se que, os jovens independente da sua condição sócio-econômica, não só apresentam, mas,

sobretudo cultivam uma identidade ou uma marca de juventude. A juventude é uma espécie de moratória entre a infância e a vida adulta, um espaço para aperfeiçoamento individual e para desfrute do prazer e do lazer antes das responsabilidades da vida ainda mais adulta. É na juventude que os sujeitos vivem um momento de intensidade de sentimentos, descobertas, prazeres e angústias, em meio ao qual vão construindo suas identidades e projetos de vida. E para dar conta deste turbilhão de sentimentos e ideais que o adentram, apresentam diferentes respostas e condutas, geralmente recheadas de ousadia e enfrentamento. Acredita-se que este seja um dos fatores que faz a necessidade dos jovens na escola ser em alguns momentos diferentes das necessidades da escola para o jovem. Já a algum tempo ouve-se burbúrios da juventude deste nível de aprendizagem, de que o que se ensina na escola é diferente das angústias, desejos, projetos e gostos dos jovens, uma vez que existe em geral um conjunto de atividades rotineiras a serem desenvolvidas, existindo poucos espaços de interlocução, entre si e com os adultos, afim de formar-se humanamente e não apenas tecnicamente, apreendendo a compreender suas opiniões, preferências, críticas, sugestões e linguagens.

As autoras Corti, Freitas e Sposito (2001), reforçam as idéias do parágrafo acima, quando afirmam que:

A escola e a juventude são partes indissociáveis do processo educativo. Contudo, a distância entre o mundo da escola, com seu saber, regras e procedimentos, e o mundo dos alunos, com suas experiências e interesses, tem proposto problemas sérios para todos os envolvidos: profissionais da educação, pais e os próprios jovens destinatários da ação escolar. O desencontro entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens” traz perdas para todos os atores escolares, já que eles acabam imersos numa rotina desinteressante e pouco motivadora, num ambiente pouco propício para os aprendizados e vivências que a escola pode e deve promover. Uma das principais dificuldades da escola em lidar com seus alunos diz respeito a invisibilidade dos traços propriamente juvenis desses alunos, que são encobertos pela identidade de estudantes. (Corti, Freitas, Sposito, 2001, p.8)

Aproxima-se da idéia de que, a escola age em muitos casos, como se os indivíduos à sua frente estivessem ali exclusivamente para aprender, e ainda, não todas as coisas, mais necessariamente o que esta colocado como referencia nos currículos formais.

Afirma-se nas expressões faciais, na linguagens verbais e não verbais alguns apelos juvenis pela mudança no contexto escolar, geralmente eles buscam, entre

outros fatores, melhoras na qualidade da educação possibilitando espaços onde possam ser discutidas questões sociais, onde o professor seja realmente um educador com vistas a humanização, recursos didáticos previamente reavaliados e instrumentos alternativos para melhores resultados pedagógicos, bem como sintonia entre o que se planeja e o que se faz.

Os problemas que afetam os jovens – defasagem escolar, perspectiva de trabalho, vulnerabilidade à violência e a crime, gravidez na adolescência, não podem ser corretamente compreendidos sem que se recorra à importância dos sistemas de proteção material e simbólica e suas diferenças de acordo com classe e gênero.

O que estes sujeitos jovens pensam sobre o ensino médio.

Existem poucas literaturas, que mostram ou escrevem sobre o olhar da juventude sobre o ensino médio. A UNESCO em 2005 produziu um livro chamado “Estar no papel – Cartas dos jovens do Ensino Médio, este é formado por 63 cartas de jovens cursantes do ensino médio tanto na rede particular quanto pública de várias regiões do Brasil. Nele conseguimos sentir as expressões da juventude com relação ao ensino, a estrutura, as metodologias, etc.

A atriz Fernanda Montenegro, escreveu o prefácio do livro, através das palavras dela, podemos entender de forma expressiva a importância destas cartas:

“ Ao receber o convite para apresentar mais este trabalho desenvolvido pela UNESCO no Brasil, a associação com o filme Central do Brasil aconteceu de forma imediata, uma vez que ambos partem de um mesmo mote para contar suas histórias, ou seja, a escrita de cartas, ação esta que se revela, no cinema, capaz de alterar a “realidade da ficção”, intervindo, de forma decisiva, no destino dos personagens. Entretanto, uma diferença fundamental caracteriza as duas obras. Enquanto no filme as cartas são ditadas a um intermediário, visto que seus autores são pessoas privadas da leitura e da escrita, aquelas que servem de base para este livro foram produzidas de punho próprio, por centenas de jovens estudantes do ensino médio, de mais diferentes pontos do Brasil. Livres de quaisquer interferências mais diretas, são portanto, o reflexo fiel da vontade desses “atores”, que não hesitaram em contar tanto sobre a escola com a qual convivem no seu dia-a-dia como sobre aquela que freqüentam apenas em seus pensamentos: a escola que gostariam de ter, a escola de seus sonhos, capaz de transcender do mero espaço de transmissão mecânica de muitas coisas

(muitas vezes, sem sentido algum para eles) para o de instância de apoio à simples e difícil missão de existirem como sujeitos.

Que elemento poderoso são as cartas! Pelo trabalho que comprometem, sua natureza nunca pode ser acusada de leviana, produto que é do esforço da reflexão que se transforma em escrita... Chamados a se pronunciar esses jovens acreditaram no poder transformador de sua escrita, apostando no estabelecimento de um diálogo mais amplo com o mundo que se descortinou à sua volta, nos ventos que, naquele momento, sentiram soprar a seu favor. Esses jovens pensam. Esses jovens escrevem. Esses jovens falam.... E uma vez conhecedores dos seus anseios, quem de nós, dentro de seu raio de ação e influência será capaz de continuar ignorando os seus desejos, tão legítimos? (Fernanda Montenegro, 2005, p.20)

Segundo os autores desta obra, Luiz Carlos Gil Esteves; Maria Fernanda Rezende Nunes; Miguel Farah Neto; Miriam Abramovay, as cartas dos alunos narrando suas expectativas em relação à escola, traduzem de forma perceptível, o sentimento ambíguo que desenvolvem com essa instituição de inegável importância em suas vidas: por um lado, o apego e a tentativa de valorizar um espaço que, principalmente para aqueles das camadas menos favorecidas, representa a possibilidade de ampliação da inserção no mundo e um passaporte para o futuro, constituindo lugar de conhecimento, cultura, sociabilidade, lazer; por outro lado, a insatisfação com o que, de fato, lhes é oferecido, desde a qualidade das aulas às condições dos espaços e equipamentos escolares, das possibilidades de participação ao compromisso com o futuro. A palavra dos estudantes leva a pensar o quão distante está a sociedade atual – o mundo dos “adultos” e, sobretudo, a escola da realidade dos jovens. Os autores alertam que as cartas foram digitadas na íntegra, tendo sido mantidos, portanto, os erros gramaticais e de ortografia originalmente cometidos, e afirmam que, tal opção foi feita por se considerar que o não respeito à sua integridade concorreria para a minimização daquele que pode se constituir um dos indicadores mais relevantes da situação do ensino médio no país contido no material de análise, o que certamente implicaria a perda de grande parte da riqueza e expressividade que caracterizam essas cartas.

Ao ler a obra percebe-se que um dos eixos mais enfatizados pelos educandos refere-se ao papel social da escola e às funções do ensino médio, previne-se no entanto que as críticas dirigidas pelos jovens ao espaço escolar não podem ser compreendidas, na sua grande maioria, como esvaziadas de sentido. Como já é de amplo conhecimento na área da sociologia da educação, os jovens prezam ou

gostariam de prezar a escola que freqüentam. Logo, suas críticas são melhor interpretadas se consideradas como apostas na sua melhoria.

A juventude é comumente associada a uma etapa da vida humana em que os sujeitos, ao mesmo tempo em que expressam os seus anseios de mudança, fazem as mais profundas e duras críticas ao meio ambiente em que se encontram inseridos. No entanto, a potencialidade desse momento singular é, na maior parte das vezes, abafada ou relegada a um plano secundário pela própria sociedade, que, por ser predominantemente adultocrata, acaba por condenar os jovens à invisibilidade.

Porém analisa-se que é só quando ouve-se o que o jovem tem a dizer que conseguimos entrar no seu universo de pensamento e colher de lá pistas importantes de ação. Por isso colocaremos aqui algumas dessas 63 cartas, para tentar fazer justamente isso, entender o ensino médio a partir dos diferentes olhares dos educandos(as).

Carta IV – Geração de incompetentes

É um tanto difícil falar sobre a escola, principalmente para mim que venho de um segmento social que a base é a hierarquia e a disciplina. Para podermos falar temos que levar em consideração no qual está inserida esta escola. Se nós queremos uma escola que forme verdadeiros cidadãos acho que estamos no caminho errado.

A escola hoje, posso assim dizer, não está muito preocupada com a pessoa e sim em passar a maior quantidade de informações possível para que o aluno se situe em um plano no qual ele não está preparado e é até uma contradição o que direi mas de uma forma até paternalista diante de muitas facilidades que encontramos para concluir o ensino médio.

Eu particularmente acho que está se formando uma geração de incompetentes que estão interessados somente no ter e não no ser. Eu acho, não, tenho certeza que quando toda a estrutura mudar talvez consigamos alcançar os nossos objetivos, ou seja, a escola como um todo tomar consciência (principalmente as autoridades) que ela é uma instituição.

(Aluno, escola pública, RS, p.53)

Nesta carta sentimos um anseio para que a escola desempenhe sua função de espaço de crítica às formas dominantes de organização social, onde o “ser” assuma mais importância do que o “ter”, sendo, portanto, capaz de apontar caminhos para

possíveis transformações, ele aponta ainda que estas só podem ocorrer quando a escola se voltar mais para formar “o verdadeiro cidadão” – no sentido mais crítico dessa formação – do que transmitir conteúdos e criar “facilidades”.

Carta VII – Sabe quando tudo parece estar fora do lugar?

Oi fofa, tudo bem? Espero que sim. Comigo está tudo bem, só estou um pouco chateada pois minha escola está um fracasso. Sabe quando tudo parece estar fora do lugar?

Aqui está assim, estamos sempre em clima de bagunça, todo mundo faz o que quer. E o pior é que não estamos tendo apoio nem da direção e nem dos professores para nada. Ninguém vem conversar com a gente saber o que queremos ou o que achamos.

Por isso esta uma zona total. Até eu estou levando a vida da escola com clima de festa, vou para a classe só para conversar, pois ninguém fica cobrando nada, então estou nem aí.

Mas gostaria que tudo fosse diferente que todos, direção, professores e alunos fossem amigos. Tudo seria melhor, respeitáramos uns aos outros e aprenderíamos a ter limites, o que já perdemos faz tempo.

Estou no terceiro ano por isso não me entusiasmo para tentar mudar algo, logo sairei daqui. Mas você que está no 1º ano procure fazer realizações em sua escola, no futuro muitos amigos agradecerão

Muitos beijos

(Aluna, escola pública, SP, p. 56)

Percebe-se que, ainda que a escola seja considerada pelo jovem como um lugar propício a sociabilidade, ao entendimento e à comunicação, fica claro que a instituição deve firmar-se, antes de tudo, como espaço para além da “festa”, onde existam regras bem definidas e observadas por seus membros, como uma expectativa de organização. Observar-se nesta carta também um desânimo e descrença na possibilidade de mudanças, justificada por estar na última série do ensino médio. Tal sentimento, provavelmente construído ao longo de sua trajetória, é o que a faz delegar para outrem, a responsabilidade por efetivar transformações em prol dos demais.

Carta IX – A escola é bastante flexível, não há disciplina alguma.

Querida Ana,

Escrevo-lhe para contar as novidades da escola que estudo. Sei que os colégios de segundo grau (Ensino Médio) estão querendo somente fazer com que os alunos passem no tão cruel vestibular, mas não sei se é isso mesmo que deve acontecer para que o nosso futuro seja melhor.....

Existem colégios, aqui mesmo nessa cidade, onde os alunos são massacrados e vivem escravos dos estudos. Nesse lugar que estudo as coisas são diferentes, até mais do que poderiam ser....

O aluno é incentivado a pensar e não a decorar, mas como a escola é bastante flexível, não há disciplina alguma: os alunos fazem o que querem é a coordenação não os pune... enfim, é uma zona, não dá para estudar porque os professores ficam desanimados.

Acho que um colégio ideal para os dias de hoje seria aquele que além de preparar para o vestibular, prepara para a vida. Isso na teoria é a proposta desta escola, mas na prática, fica muito a desejar.

Atenciosamente.

(Aluno, escola privada, GO, p.58)

Essa carta nos leva a refletir a propósito do sentido que pode estar sendo atribuído pelos jovens a determinados procedimentos educacionais considerados mais "flexíveis", quando exercidos de forma inadequada ou sem a devida preparação.

Carta XIV – Como um papagaio, aprendi a decorar, colar e enganar a mim mesmo

Caro amigo,

A escola na qual estudo é muito boa, apresenta toda a estrutura e recursos necessários, assim, como excelentes professores. De fato posso dizer que sou um privilegiado em relação à maioria. Aqui estudamos Português, Literatura, Língua Inglesa, Língua Espanhola, Química, Física, Matemática, História, Biologia, Geografia. Bem como eu disse estudo todas essas matérias.... Mas, em nenhum momento foi dito que eu gosto desse sistema!

Eu concluo o Ensino Médio no final deste ano e, no começo do próximo prestarei vestibular (ah, vou aproveitar esse espaço para dizer que tal é o método mais injusto, hipócrita e demagogo ao qual um jovem pode ser submetido... Talvez não possa cursar

uma faculdade de Direito porque não aprendi Trigonometria, Óptica ou Cálculos Estequiométricos, apesar de eu nunca ter que usar isso, devo “provar” que aprendi. Do contrário não entro na faculdade, onde nada disso é importante. Injusto não?)

Como pretendo seguir uma carreira ligada à área de Humanas, gostaria de aprender no colégio Filosofia, Ciência Política, Sociologia.... Enfim coisas ligadas ao meu interesse, as quais realmente poderia aproveitar (tudo isso tive de aprender por fora – isso é errado uma vez que aprendi mais coisas fora do colégio do que no próprio – que deveria ser útil para o meu aprendizado). Não me envergonho de dizer apenas que como um papagaio aprendi a decorar, colar e enganar a mim mesmo e aos professores.

Realmente espero que nossos filhos possam aprender coisas úteis, que realmente gostem e lhes seja proveitoso. Sinceramente, é o que mais desejo. Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade! Espero que minha carta ajude a mudar algo, pois a pior coisa que existe para um jovem é querer mudar e sentir-se impotente... Já cansei de falar, falar, falar e só receber como resposta: “ não adianta, você não vai mudar nada. A vida é assim. “ Novamente espero ajudar com essa carta. Por favor, leia-a com atenção.

Desde já agradeço.

(Aluno, escola particular, diurno, RS, p.63)

Mesmo reconhecendo o privilégio de sua situação no contexto dos demais alunos do ensino médio, já que está inserido em uma escola adaptada às exigências de um ensino de cunho propedêutico, o jovem não economiza críticas a esse sistema, considerado massificante e opressor. Nessa ótica, tal como diversos outros estudantes, avalia o processo de seleção ao ensino superior por meio do vestibular como meio equivocado, por privilegiar o enciclopedismo em detrimento de conhecimentos específicos e mais relacionados às suas escolhas profissionais.

Carta XXIII – Ensino Médio, o ensino pela metade.

Olá como vai você? Eu estou bem. Mudei de colégio e esse novo é bem, “legal”. Sim isso mesmo você precisa ver como as paredes são cinzas, e ao banheiros todos quebrados e mau cuidados, os vidros são quebrados, as carteiras também, as paredes estão pixadas e pelo tipo não são pintadas há anos, mas isso é só detalhe. Mas você precisa conhecer os professores, são tão bons coitados! Eles quase não sabem se

expressar em sala de aula. Mas tem sempre uma vantagem; todos os dias falta pelo menos um professor, tem dia que venho até “isso aqui” para assistir apenas uma aula, porque todos resolveram pegar licença juntos. Mas você acha que eu volto para casa? Fico é pras ruas, não tenho nada mesmo o que fazer.

Mas você acha que eu gosto disso? Eu odeio! Acho isso uma vergonha, querem mais “massa de manobra” é isso? Na verdade querem um povo incapacitado. E o que nos ensinam? E certas coisas pra quê nos ensinam? Para que não possamos incomodar ninguém que acha que é melhor do que os outros que se encontram nessa nação miserável desgraçada que infelizmente tornou-se o Brasil. Depois reclamam que os jovens não querem aprender, mas isso é lógico, quem é que quer aprender com professores despreparados? Mas isso já vem do nome do ensino (Ensino Médio) é tudo pela metade, nossa média é 50 (metade de 100).

Sou a favor de uma 3ª guerra que detone com tudo, não tenho nada além da minha revolta, não sou nem cidadão. Quero que esse ensino pela metade se exploda. Isso não é só.

Escreva me também, mas se o seu colégio é público.... não precisa nem dizer como ele deve ser. Eu já imagino.

(Aluno, escola pública, PR, p.77)

A denúncia feita nesta carta, demonstra os efeitos concretos de uma política que, na realidade, não traz oportunidades para todos, haja vista a precariedade e a falta de condições materiais por que passa grande parte das escolas brasileiras.

Escrita em tom de extremo sarcasmo e revolta, esta constitui um exemplo lapidar da capacidade crítica das juventudes. Como pode ser notado, o espectro de tal criticismo é bastante amplo, abrangendo aspectos que vão desde as péssimas condições físicas da escola, passando pela falta de compromisso e despreparo dos professores, até a conclusão de que, na verdade, a conjunção de tantas limitações vivenciadas pelos estudantes do ensino médio seria a parte menos visível de um projeto político cujo objetivo seria o de formar pessoas “médias”, ou seja, também pela metade, num trocadilho com a designação desse segmento educacional.

Interessante é também ressaltar que andar à toa pelas ruas, durante o período de aulas, em vez de desenvolver atividades de cunho escolar, e ao contrário do que poderia supor, de forma alguma representa uma condição prazerosa para os jovens.

Diante de tal situação, estes, na verdade, parecem experimentar um sentimento de profundo abandono, cuja origem seria decorrente da negação de seus direitos.

Carta XXVI – Máquina de aprovação

Gostaria de te contar o quanto estou estudando para o vestibular: desde colocação pronominal à química orgânica. Este ano aprendi tanta coisa, mas tudo visando o vestibular, objetivo do meu colégio, acho até que nós alunos estamos sendo tratados apenas como máquina de aprovação deste grande desafio. O meu crescimento é perceptível enquanto aluna visto que domino assuntos até então desconhecidos, mas me surge um desapontamento quando penso que o ensino médio não forma cidadãos, apenas vestibulandos, de certa forma alienados e despreocupados com o futuro do Brasil.

Acho um disparate os alunos aprenderem o que é “metil” ou “logaritmo” sem antes compreenderem a situação política brasileira, noções de sociologia, economia ou ética: assuntos que estimulam o desenvolvimento da cidadania formando seres críticos e pensantes, com capacidade além de apenas memorizar ou assimilar opiniões já formadas.

Espero que meus filhos tenham oportunidade de aprender esses temas no ensino médio além de aprender como enfrentar um desafio (vestibular). Mas, sinceramente, sei o quão utópico é o meu desejo, pois não é interessante para as escolas (tanto públicas quanto privadas) formarem pessoas críticas: isso não dá ibope e mostra as grandes falhas do sistema. Enquanto fico idealizando a escola de meus filhos, luto por um Brasil mais digno.

Espero que você faça o mesmo. Cordialmente.

(Aluna, escola particular, MG, p.80)

Embora as diretrizes curriculares para essa etapa do ensino dêem especial atenção a uma educação que promova a compreensão do processo histórico de transformação social e cultural, algumas cartas, como essa, denunciam a distância existente entre tal finalidade e o efetivamente vivenciado no cotidiano dos jovens. A mensagem desta carta sinaliza como o fechamento do foco escolar em apenas um objetivo – no caso, o sucesso nas provas de vestibular – contribui, ao contrário do esperado, para o desestímulo e a revolta da aluna, que, ressentida pela ausência de

uma formação mais voltada para o exercício da cidadania, sente-se, por conta disso, destituída de sua própria humanidade.

Carta XXXIX – Somente o turno da manhã tem água gelada

Estou escrevendo esta carta para dizer que aqui na escola os alunos tem muitos problemas, como falta de professores. Professores faltam nos seus horários de aula, salas de aula completamente pichadas, cadeiras, quadros. Quase não temos matérias para estudar porque os professores faltam muito, ou seja, nós vamos para a escola por que queremos passar de ano. E quando terminamos o ensino fundamental e médio não sabemos quase nada e se quisermos fazer o famoso vestibular temos que pagar cursinho.

Temos problema também que é o bebedouro, porque somente o turno da manhã tem água gelada, já nos turnos da tarde e noite a água não é gelada e se quisermos água gelada temos que comprar. Aqui o colégio todo é totalmente pichado, com as janelas das salas a maioria quebrada, ou seja, precisamos de uma reforma geral na escola e do interesse dos professores para ensinar seus alunos. Precisamos de ventilação em nossas salas de aula.

(Aluno, escola pública, PA, p.96)

Esta nos leva a refletir sobre o olhar do aluno frente aos problemas da escola, relatados tanto no pedagógico, quanto na estrutura física, o que se contradiz ao usualmente afirmado de que o aluno é indiferente as questões da escola. As vezes também através da fala deles conseguimos perceber coisas que necessitam de emergencial mudança e que não percebemos ou nos atentamos.

Carta XLIV – Ano que vem é numa universidade que estarei estudando

Querida,

Faz um bom tempo que as minhas aulas começaram e foi fácil me adaptar a programação do colégio. É divertido estudar aqui.

A minha escola promove várias atividades que estimulam o aprendizado da vida e isso é muito importante, pois sei que o que eu estou levando comigo vai ser usado durante todos os desafios da minha vida e como o mundo está hoje, vários eles serão.

Amanhã farei uma mostra cultural onde os assuntos estão deixando a minha criatividade a flor da pele. O trabalho no qual vou falar sobre os árabes vai chamar a atenção, mas não foi só isso que eu fiz esse ano.

O colégio nos proporcionou passeios para nos aprofundar na história de minha cidade, já fomos ao teatro, fizemos sarau e outras atividades que aumentam o intelecto. Dentro da sala de aula as coisas não são deferentes. É claro que sempre tem um bate papo entre os alunos e as vezes os professores tem que chamar a atenção mais nada faz com que os alunos percam o interesse em aprender.

A única coisa que eu gostaria que a minha escola oferecesse seria um laboratório de química e outro laboratório de computação, pois a prática leva a perfeição e tudo que vou fazer daqui em diante é na prática.

Esse é meu último ano na escola, ano que vem é numa universidade que estarei estudando, mas na minha memória estarão bem guardados o incentivo e o trabalho dos meus professores, o companheirismo dos meus colegas e o apoio da minha escola. A eles eu sempre ficarei grata, pois a escola foi uma grande parte da minha vida e as minhas qualidades foram feitas por eles que me ensinaram a resolvê-los. Agradeço a minha escola e a esta lição de vida. Vejo-te na férias.

(Aluno, escola particular, AC, p.102)

O autor demonstra uma vitalidade bastante acentuada, resultante dos diversos estímulos que recebe, principalmente no que tange a sua criatividade. Métodos de ensino mais sintonizados com a realidade dos alunos e com a concepção de educação voltada para a formação do cidadão são percebidos pelos jovens, como necessários para que o movimento de aprender ocorra com êxito.

Carta XLIX – Todos os dias a mesma coisa

O colégio hoje, agora e sempre.

Hoje eu vou falar um pouco do colégio que eu estudo, curso o 3º ano do Ensino Médio, último ano, estou tentando preparar-me para o vestibular, mas está muito complicado, eu sei que o interesse deve partir do aluno, porém o colégio não nos apóia. Muitos professores dão suas aulas simplesmente para cumprir seus horários, pois não há estímulo dos mesmos para nada.

O ensino está muito monótono, é todos os dias a mesma coisa: chegamos na sala de aula, respondemos a chamada, lemos o livro, isso quando temos, o professor explica muito por cima, passa exercícios, bate o sinal, entramos em outra aula, a mesma coisa, duas semanas depois, mais ou menos, são marcadas as provas, fazemos sem entender nada do assunto, tiramos uma nota horrenda, chega ao final do semestre nos passam um “trabalhinho” pra recuperar, e no final do ano letivo o aluno é aprovado.

E aí como nos saímos nessa? Da mesma maneira com que entramos, cheios de dúvidas, questionamentos....

Gostaria que a nossa escola, ou seja, nosso ensino fosse mais estimulado tanto pelos professores quanto para os alunos, pois a informatização está muito avançada e não aproveitamos nada dela, o mundo hoje tem muito a ser questionado e isto não é interesse para o Ensino Médio.

(Aluno, escola pública, PR, p.107)

O ritmo monótono do cotidiano escolar, tão bem expresso, revela uma escola sempre igual, sem surpresas; sem encanto, como se professores e alunos fossem autômatos, alheios ao processo de produção do conhecimento e aos conteúdos relacionados à vida. Os questionamentos acima expostos, expressam uma escola acrítica, em descompasso com um mundo que exige, cada vez mais, senso crítico e informação para a tomada de decisão.

Carta L – Parece que explicam para o espelho ou para bonecos.

Querida amiga,

Aqui na minha escola, estou rodeada de professores capacitados, profissionais de verdade, no entanto há entre nós uma enorme barreira que nos impede de entrar em um acordo amigável. Parece que explicam para o espelho ou para bonecos. Não pode haver diálogo entre o profissional da educação e os seus educandos. Se há uma pergunta, a pergunta do aluno é idiota. Se a dúvida persiste, não é esclarecida porque a matéria “é fácil demais”.

Eu sonhei com uma escola de ensino médio bem diferente da que eu vivo hoje. Projetava em minha mente uma escola compreensiva para com a realidade de seus jovens que trabalham o dia todo, estudam à noite e ao chegar ao fim de semana ao

invés de relaxar e se livrar do stress, se privam muito mais ainda de um momento para si, se matando em cima de pesquisas e trabalhos com exercícios quilométricos dados durante a semana, mas se os professores dentro do seu trabalho tem um dia para estar com a família, os amigos, porque nós, que trabalhamos, estudamos para nos sustentar e não ser um peso para a sociedade não podemos?

Amiga, espero que um dia as autoridades competentes se voltem a nosso favor, e que os professores se mostrem bons profissionais como são. Espero escrever-te um dia, contando que tudo mudou.

(Aluna, escola pública, MG, p.108)

Sentir-se como “boneco” é demonstrar que está sentindo-se alijado da condição de pensar junto, de agir coletivamente e de contribuir. Educar no século XXI não pode continuar a ter o significado reducionista de preparar alguém apenas para uma tarefa determinada e restrita. A educação passa a reger-se por parâmetros que lhe impõem a função de desenvolver um caráter formativo contínuo, ampliando o processo de aprendizagem.

Entretanto, ainda quer o ensino médio se apresente, na ótica dos autores das cartas imerso em uma série de problemas – seja em relação ao seu papel primordial, a formação do cidadão, seja no que diz respeito às condições vigentes para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, vislumbra-se nas críticas, antes de um tom pessimista, o desejo de contribuir para transformar um espaço que é por eles tão prezado. Além do mais, e conforme as palavras de um desses jovens, é claro que as qualidades existem, mas estas “não precisam ser resolvidas...”. Os anseios, esperanças e perspectivas expostos nestes documentos, expressam de forma bastante incisiva, que a formação oferecida hoje nas escolas para os jovens não vem atendendo as suas expectativas e necessidades.

Capítulo IV

Pinhais – Fatores Históricos

A ocupação do planalto curitibano, em fins do século XVII, ensejou a formação de alguns povoados. O de maior expressão foi o que originou a Vila Nossa Senhora da

Luz dos Pinhais de Curitiba. Outros posteriormente originaram a Vila de São José dos Pinhais e a Vila Nova do Príncipe (atual município da Lapa).

A região que hoje é ocupada pelo município de Pinhais pertencia, nessa época, pertencia ao território de Curitiba.

As delimitações de Curitiba se estendiam, a leste, até a serra de Paranapiacaba, ocupando assim quase todo espaço da atual Região Metropolitana da capital paranaense. Essa grande extensão de terras continuou pertencendo ao município até meados do século XIX, quando foram criados novos municípios. A área de Pinhais pertenceu ao território de Curitiba até fins do século XIX.

No ano de 1890, uma parte do território de Curitiba foi desmembrada, passando a constituir o município de Colombo. A região que comportava Pinhais estava inserida nessa área desmembrada, o que significa que Pinhais passou assim a pertencer, administrativa e politicamente, a Colombo. Isso pode ser comprovado pelo decreto nº71 de 31 de janeiro de 1890, que fixou os limites do novo município.

No início da década de 1930 foi implantado o sistema de interventorias nos estados brasileiros, dando início a uma fase de centralismo, que se estendeu até o fim do Estado Novo. O Paraná passou a ser administrado pelo interventor Manoel Ribas. O então interventor promoveu mudanças de cunho político-administrativo, interferindo inclusive na delimitação geográfica de vários municípios do estado. Dentro desse processo, no ano de 1932, o território onde se situa Pinhais passou a pertencer ao município de Piraquara, no mesmo momento em que o município de Colombo foi extinto (seu território foi reanexado ao de Curitiba, sendo recriado mais tarde). O município de Piraquara havia sido desmembrado de São José dos Pinhais na mesma época em que a área de Colombo foi desmembrada de Curitiba. O decreto 2505 de 27 de outubro de 1932, fixou os novos limites de Piraquara, anexando o território de Pinhais.

Com o crescimento do povoado de Pinhais a partir da década de 1960, a comunidade começou a reivindicar a instalação de serviços públicos locais. Paralelamente, começaram a ser eleitos os primeiros representantes pinhaenses que ingressaram na ordem política do município de Piraquara. Devido à importância e a participação que o povoado conquistou no cenário político municipal, Pinhais foi elevado à categoria de Distrito em 21 de Novembro de 1964.

Nos anos 70 e 80, o distrito recebeu, um enorme contingente populacional, acarretando, assim, demandas em vários setores. A implantação de uma infra-estrutura que suprisse as necessidades da população exigiu a organização e o gerenciamento de um poder público local.

Dessa forma, no final do ano de 1991 foi realizado um plebiscito para verificar o interesse da população de Pinhais pela implantação de um poder executivo e legislativo local. Essa consulta apurou um alto índice de aprovação da emancipação política – cerca de 20.456 de um total de 23.310 participantes (87% de aprovação).

Atendendo a essa solicitação dos moradores do Distrito, o Deputado Estadual Aníbal Khury (então presidente da Assembléia Legislativa do Paraná), determinando a criação do Município de Pinhais, sendo o seu território desmembrado do de Piraquara. O município de Pinhais foi oficial e solenemente instalado no dia 20 de março do ano de 1992.

Segundo dados do IBGE ⁴2000, Pinhais possui uma população 102.985 mil habitantes, sendo 52.163 mil mulheres e 50.822 mil homens, deste número 6030 são jovens de 15 a 17 anos. Possui uma área territorial de 60.92 km² - quilômetros quadrados e representa a 12^a economia do estado, com relação a educação no ensino fundamental possui 21 escolas municipais, 5 estaduais e 4 particulares, quanto ao ensino médio existem 8 colégios estaduais e 2 particulares.

Ensino Médio em Pinhais – Análise de dados do INEP⁵.

Em relação ao Ensino Médio, foram coletados dados dos anos de 2003, 2004, 2005, afim de procuramos entender como vem se desenvolvendo este nível de ensino na cidade de Pinhais. Analisando o número de matrículas, os dados apontam que no ano de 2003 houveram 2568 matrículas para o diurno e 2575 para o noturno. Sendo que deste total apenas 02 jovens apresentavam idade menor do que 15 anos, 2785 tinham entre 15 e 17 anos e 2356 tinham mais de 17 anos, em relação a matrículas por gênero haviam 2692 jovens do sexo feminino e 2451 jovens do sexo masculino, deste

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁵ INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

total 54 alunos estudavam em escolas que tinham de 2 a 5 salas, 564 em escolas de 6 a 10 salas e 4525 em escolas com mais de 10 salas. Existiam 5143 alunos em escolas com biblioteca, 3801 em escolas com laboratório de informática, 5071 com laboratório de ciências, 5143 com quadra de esportes, 4043 com sala para TV e vídeo e 54 com antena parabólica, todas as escolas possuíam água, energia elétrica, esgoto e sanitários. Sobre o corpo docente, haviam 12 professores apenas com formação média completa e 320 com superior completo sem licenciatura. O número de concluintes do ensino médio em 2003 foram 416 rapazes e 531 moças.

No ano de 2004 aconteceram algumas alterações numéricas, houve um aumento nas matrículas tanto do diurno quanto do noturno, porém com maior expressividade no diurno que passou a ter 2729 alunos e o noturno 2582. Acerca da idade permaneceu sendo 02 jovens com idade abaixo de 15 anos, aumentou o número de alunos entre 15 e 17 anos para 3178 e com mais de 17 anos reduziu para 2131 estudantes. Neste ano o número de matrículas femininas continuou sendo superior a masculina, foram matriculadas 2822 moças e 2489 rapazes, caiu o número de alunos em escolas que tinham de 2 a 5 salas de 54 para 45, porém aumentou para 694 o número de estudantes em escolas contendo de 6 a 10 salas e 4592 para escolas com mais de 10 salas. Em relação a infra estrutura, cresceu para 5203, o número de alunos em escolas com biblioteca, 3889 o número de estudantes em escolas com salas de informática, decaiu a quantidade de jovens que usufruíam de laboratório de ciências de 5071 para 4510, aumentou o número de estudantes com quadra de esportes no colégio para 5311 e o número de alunos em escolas com sala para TV e vídeo para 4203, mas um aumento bastante expressivo foi o de estudantes em escolas contendo antena parabólica de 54 para 4184. Analisando a formação do corpo docente verificou-se através dos dados que aumentou o número de professores apenas com o ensino médio completo de 12 para 32 e diminui o número de docentes com superior completo sem licenciatura para 306. O número de alunos concluintes neste ano foi de 377 rapazes e 567 moças.

Em 2005 tanto as matrículas do diurno quanto as do noturno caíram, sendo matriculados 2657 alunos no diurno e 2484 no noturno, sendo que 2450 eram meninos e 2691 meninas, desses alunos matriculados 14 tinham menos de 15 anos de idade, 3012 apresentavam idade de 15 a 17 anos e 2115 idade superior a 17 anos. Em relação

a localização dos alunos nos colégios pudemos constatar que neste ano 900 alunos estudaram em colégios que possuíam de 6 a 10 salas e 4241 em colégios com mais de 10 salas, destes 130 estudaram em escolas com menos de 51 alunos, 76 com até 100 alunos, 707 em escolas com mais de 300 alunos e 4228 em colégios com mais de 300 alunos. Quanto a infra estrutura 4165 estudantes tinham biblioteca na sua escola, 2317 contavam com laboratórios de informática nos seus estudos, 2994 tinham laboratório de ciências, 4324 possuíam nas suas escolas quadra de esportes para as atividades físicas, 3893 educandos tinham tv e vídeo nos seus colégios, 2670 tinham escolas com antena parabólica. Neste ano não havia nenhum docente que possuía apenas formação média completa sendo então 357 docentes com formação superior completa. Devido a data da coleta de dados não foram informados os números de concluintes deste ano.

Analisando os dados acima apresentados podemos perceber que ainda precisa-se avançar muito para que tenhamos em Pinhais um ensino médio gratuito de qualidade e efetivamente para todos, uma vez que pudemos verificar que o número de alunos matriculados é bem superior ao número de alunos que conclui. Segundos dados do IBGE () o número de habitante entre 15 e 17 anos em Pinhais é de 6030 o que difere-se do número de matrícula e principalmente de conclusão. Conforme o INEP no ano de 2003 68.1% dos alunos foram aprovados, 13.4% retidos e 18.5% desistentes e em 2004 diminuiu o número de aprovados para 65.7%, aumentou a taxa de retidos para 15.8% e permaneceu o mesmo número para desistentes, isso muitas vezes podemos perceber até na prática quando temos 3 turmas de 1º ano do ensino médio e geralmente 1 turma de terceiro. A pergunta que manifesta-se de forte maneira é qual será o motivo de tanta desistência e até ausência total da escola, quais fatores estão ligados: políticas públicas? Finalidade da escola? Identidade do ensino médio Formação? São perguntas cujas respostas são incertas e muitas vezes consideradas desnecessárias.

Capítulo V

Análise dos dados coletados

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos, o questionário e a elaboração de cartas pelos alunos. Estes permitiram a análise das questões problematizadoras desta pesquisa, afim de que se chegasse a algumas aproximações do que pode ser considerado o real e o verdadeiro “chão da escola”. As questões que norteou as análises foi: quem é o aluno de ensino médio? Qual sua ótica sobre como é o ensino médio?

O levantamento de dados foi efetuado em uma escola pública da cidade de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, que oferta ensino fundamental de 5ª a 8ª e ensino médio, possui aproximadamente 350 alunos nos períodos da manhã e tarde e no noturno, 300. O questionário contendo 16 questões foi respondido por 40 jovens dos três anos do ensino médio diurno. Foi solicitado a 30 jovens dessas mesmas séries o desenvolvimento escrito de uma carta falando sobre o ensino médio, porém foram recebidas 18 cartas. As descrições e análises expostas abaixo baseiam-se nos resultados da aplicação desses instrumentos, com base nos fundamentos teóricos anteriormente apresentados.⁶

Quem é o aluno do ensino médio

Descrição

Conforme coleta de dados, são jovens entre quatorze e vinte um anos, na sua maioria na faixa etária entre quinze e dezessete anos, sobressaindo o número de meninos (21) ao de meninas (19). Todos os respondentes são moradores de Pinhais e residem com as famílias; com exceção de uma jovem que mora com o esposo, todos se apresentaram como solteiros e apenas essa jovem como amigada.

Quando perguntados sobre a participação em algum grupo, a maioria respondeu não fazer parte de nenhum. Os que participam, a maior parte é de jovens da igreja,

ficando em segundo grupos ligados a atividades esportivas. Foram citados também grupos de música, associação ou movimentos sociais e partidos políticos. Conforme pode-se visualizar abaixo:

Participa de algum grupo?		Quais?							
Sim	Não	Jovens de igreja	Associação o/movimentos sociais	Partidos Políticos	Esportes	bicicleta	Música	outro	skate
11	29	08	01	01	03	02	03	01	01

Dentro dos gostos e preferências, procurou-se conhecer quais os três direitos que eles consideravam mais importantes, descobrindo-se então que a educação, a saúde, a igualdade social e o emprego (essas duas últimas empatadas) foram considerados direitos fundamentais pela maioria, porém foram citadas também, de maneira expressiva, a liberdade, a alimentação, a moradia e a segurança.

Procurando conhecer os gostos e possibilidades de recreação, perguntou-se aos jovens o que mais gostavam de desenvolver no tempo livre. A resposta mais freqüente foi assistir TV e jogar videogame e, em seguida, praticar esportes/atividades físicas, ir à missa/igreja/culto e ir a festas em casa de amigos, cinema, shopping e ir a bares com amigos. Foram colocadas como atividades realizadas por menos jovens e com pouca ênfase: ir dançar em bailes, freqüentar shows de música, assistir jogos e ir ao teatro.

Ainda dentro de atividades que gostam de desenvolver, foi solicitado que os mesmos expusessem o que gostariam de realizar, mais não realizam, por falta de dinheiro, tempo, proibição dos pais ou outros motivos. Por falta de dinheiro, a maioria dos jovens disse que deixa de viajar e fazer cursos; por falta de tempo, segundo eles, deixam de jogar futebol ou voley, fazer cursos, participar de projetos de contra-turno na escola; por proibição dos pais, alguns deixam de sair a noite ou de sair com os amigos, ir a festas e namorar em casa. Foi expressivo o fato de que a maioria dos jovens entregou esta questão em branco ou respondeu que não existe nenhuma atividade que deixa de realizar por falta de dinheiro, tempo ou proibição dos pais.

⁶ O modelo dos instrumentos de coleta de dados, questionário e carta constam como anexo ao término do trabalho

Atividade	Motivo			
	Por falta de dinheiro	Por falta de tempo	Por proibição dos pais	Por outro motivo
Viagem	07	01	01	0
Festas	02	0	03	0
Cursos	05	02	0	0
Contra turno no colégio	0	02		
Sair a noite / Sair/ Sair com os amigos	01	01	07	0
Projetos da escola		02		
Automobilismo	01			
Tocar violão	01			
Teatro	01			
Comprar/ comprar um computador	03			
Praia	0	01	0	0
Natação	01	0	0	0
Jogar Bola/Jogar vôlei/ escola de futebol	02	04		
Trabalhar	0	0	0	03
Nenhuma	05	04	06	04
Shopping		01		
Namoro em casa	0	0	03	0
Exercícios Físicos	0	01		
Fazer aula de dança	01			
Ajudar hospital e/ou asilo		01		
Dançar e ir a show de música			01	
faculdade	01	0	0	0

Foram formuladas quatro questões sobre trabalho. A primeira perguntava se o jovem estava trabalhando, uma porcentagem expressiva 22 de 40, respondeu nunca ter trabalhado, 8 jovens afirmaram estar trabalhando e 7 expuseram que estão desempregados procurando trabalho e apenas três disseram não estar trabalhando nem procurando.

Quanto a trabalho			
Está desempregado procurando trabalho	Está desempregado e não está procurando trabalho	Nunca trabalhou	Está trabalhando
07	03	22	08

Dos que estão trabalhando, a maioria é em emprego fixo com registro em carteira ou estágio, sendo apenas um funcionário público contratado. Quanto ao que fazem no trabalho, apontaram atividades diferenciadas como atendimento ao público, arquivamento, auxiliar administrativo, auxiliar de balconista “Farmácia”, aprendiz de garçom, auxiliar de berçário. Quanto ao ramo da atividade em que atuam, o comércio foi apontado pela maior parte.

Análise

Antes de discorrer sobre as análises, gostaria de afirmar novamente que esta é uma pesquisa restrita, feita em uma escola de Pinhais com aproximadamente $\frac{1}{4}$ dos estudantes de ensino médio, portanto está longe de ser considerada como “uma verdade absoluta”.

A coleta de dados nos traz um perfil juvenil, um pouco diferente do caracterizado popularmente pela sociedade atual, uma vez que as falas populares afirmam a existência de muita repetência, de mais mulheres do que rapazes na escola, de jovens que constituem família cedo e necessitam viver em grupo, que não são muito conhecedores de direitos, e que se inserem no trabalho precocemente etc. As características apresentadas na presente pesquisa são, porém, diferentes em alguns aspectos daquelas apontadas no parágrafo anterior. Os jovens aqui pesquisados está, em sua maioria, em idade correta dos estudos, ou seja, entre 14 a 17 anos.

A amostra, definida aleatoriamente, compôs-se de alunos de ambos os sexos, sendo mais meninos do que meninas. Talvez na escola como um todo não seja assim, mas o que pode se notar é que não há uma diferença expressiva e sim algo próximo de uma homogeneidade. No entanto, se analisamos os dados do INEP sobre a educação

de ensino médio em Pinhais, verifica-se que é maior o número de meninas matriculadas e que conclui, o que leva-se a perceber que ainda é preciso fazer um trabalho mais incisivo com os meninos.

A pesquisa mostrou ainda que praticamente todos moram com a família (pais, irmãos, tios, avós) e são solteiros. Mesmo que, como mostrou a coleta de dados os jovens tem idade entre quatorze e vinte um anos, muitos já com um certa independência financeira, pois os mais velhos já trabalham e possuem a carteira assinada. A maioria expressiva não participa de nenhum grupo e quando participa é de jovens da igreja, o que leva-se a entender que um dos motivos pode ser a praticidade, uma vez que historicamente já existe este tipo de grupo e esta é uma participação geralmente aceita pelos pais.

Participação em grupos colegiados e de decisão tais como grêmio estudantil, conselhos, associação de moradores, movimentos sociais e partidos políticos foi apontada apenas por um jovem. Isto nos remete automaticamente à questão da formação cidadã tão discursada mas, conforme dados acima, pouco expressiva no meio juvenil. É claro que apenas fazer parte desses grupos não é medidor de cidadania, mas sabe-se que é através desses órgãos que reivindicações coletivas são expostas em busca de soluções e que esses apresentam-se como um importante caminho em busca de melhorias sociais.

Ainda em outra questão os jovens afirmam que, na maioria, em seu tempo vago assistem televisão ou jogam vídeo game, atividades totalmente descompromissadas e de certa forma estimuladoras da “inércia”. Ainda dentro deste mesmo contexto, pode-se perceber que a maior parte dos jovens nunca trabalhou e não está procurando trabalho e quando perguntado que atividade não realiza por falta de tempo, a maioria deles respondeu “nenhuma” ou deixou em branco, o que nos remete a perguntas tal como: o que eles fazem de responsabilidade além de ir para o colégio?

No mais pode se observar que são jovens que gostam de praticar esportes, ir a festas na casa de amigos, ao cinema, a igreja e ao shopping. Gostam de viajar e fazer cursos, mas são privados por falta de dinheiro. Consideram a educação, a saúde, a igualdade social e o emprego como direitos necessários.

Como é o Ensino Médio

Descrição

Para iniciar a conversa sobre o ensino médio, perguntou-se aos educandos como eles definem educação escolar, sendo dado a eles cinco opções de resposta que iam desde uma visão restrita até uma definição mais próxima da efetiva finalidade dessa.

Uma maioria expressiva marcou a alternativa que define educação escolar como sendo a busca pela formação total do aluno, através de conteúdos significativos, afim de que o aluno entenda a sociedade em que vive e atue nela como cidadão. Ainda de maneira expressiva foi marcada pelos jovens a opção que expõe educação escolar como sendo a transmissão de conteúdos do professor para o aluno de modo a prepará-los para cursar a próxima série. De modo um pouco menos enfático foi assinalada a alternativa que a define como sendo a formação dos alunos para viverem e seguirem as normas e regras da sociedade e, com bem menos expressão, apareceu a definição de que é a interação entre o que o aluno já sabe com os conteúdos que a escola ensina, como sendo novos para ampliar seus conhecimentos iniciais. A questão que define educação escolar como sendo o exercício de atividades de treinamento, com “decorebas” e cópias com o intuito de receber nota suficiente para “passar de ano”, não foi marcado por nenhum jovem.

Em seguida solicitava-se para que eles expressassem se o que foi assinalado acima corresponde com o que ele vivencia na escola e a maior parte respondeu que sim, a definição condiz com o que ele vivencia no colégio. A partir disso foi perguntado aos mesmos o que precisava mudar na educação escolar, havia seis alternativas de resposta e solicitava-se ainda que eles justificassem a mesma. Com um número bem superior apareceu a alternativa que diz que o que deve ser mudado é a forma com que os alunos encaram os estudos; como segunda alternativa bem votada foi expresso a forma de ensinar e aprender. Foram citadas também a postura dos profissionais que trabalham na educação e a rotina cotidiana da escola.

O que precisa mudar						
A forma de ensinar e aprender	A postura dos profissionais	A forma com que os alunos encaram os estudos	A rotina cotidiana da escola	As avaliações (provas e trabalhos)	As normas e regras de disciplina	Não resp
12	07	23	04	05	03	02
<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos vêem os estudos como obrigação • É necessário ser mais rude, pois hoje em dia os alunos não se interessam mais por nada • Muitos alunos vão para a escola somente para brincar e acabam atrapalhando os outros. • Acho que os alunos deveriam ter mais vontade para as coisas e os professores deveriam buscar isso. • Ter uma forma mais dinâmica de ensinar • Poderia ter aulas mais dinâmicas e interativas • Os alunos são irresponsáveis com os estudos • Não deveria ser sempre as mesmas coisas • Porque muitos deles não estão aptos e não se identificam com jovens • A escola é engessada, todo dia é a mesma coisa • Muitos alunos não pensam no futuro, já é hora de encarar com mais realidade o futuro • Porque muitos alunos não vem para a escola com a intenção de estudar • Porque os alunos levam tudo na brincadeira • Não é muito bom vir a escola mas teria que ter mais horário de aula o Brasil tem um horário muito pequeno em relação a outros países. • Os alunos não dão verdadeiro valor a educação que recebem e as aulas deveriam ser mais dinâmica • Uma prova não quer dizer nada, pois na hora da prova a pessoa pode estar nervosa e ficar sem saber o que fazer • As normas são muito rígidas • Existem profissionais que não ensinam direito e querem que os alunos aprendam, mas aprender como? • As provas são sempre muito complicadas de entender e os trabalhos difíceis de pesquisar • Muitos professores poderiam melhorar seu método de ensino e ao mesmo tempo sua forma de interagir com os alunos. 						

Como justificativa apareceram algumas questões tais como: “*muitos alunos vão para a escola somente para brincar e acabam atrapalhando os outros*”; “*acho que os alunos deveriam ter mais vontade para as coisas e os professores deveriam buscar*

isso”; “poderia ter aulas mais dinâmicas e interativas”; “muitos professores não estão aptos e não se identificam com jovens”; “a escola é engessada, todo dia é a mesma coisa”; “uma prova não quer dizer nada pois na hora da prova a pessoa pode estar nervosa e ficar sem saber o que fazer”; “muitos professores poderiam melhorar seu método de ensino e ao mesmo tempo sua forma de interagir com os alunos”.

Em seguida procurou-se saber se a forma como está organizada a educação no ensino médio atende as necessidades, expectativas feitas quando ainda estes alunos estavam no ensino fundamental. Havia quatro alternativas, duas para sim e para não; das questões expostas a que obteve o maior número de marcações foi a que afirma que atende as necessidades, uma vez que ele (o jovem) sente-se descobrindo o estudo como algo prazeroso e sente que a escola esta preparando para vida; a segunda mais votada também afirma que atende as expectativas, pois os conteúdos ajudam a compreender a vida deles na sociedade para poder atuar melhor nela. Com menos expressividade apareceu a alternativa onde eles afirmam que não têm expectativa com relação aos ensinamentos escolares e que freqüentam a escola por necessidade de ter um diploma e ser “alguém na vida”.

A forma como a educação está organizada no ensino médio atende as suas expectativas				
Sim, pois os conteúdos me ajudam a compreender a minha vida na sociedade para poder atuar melhor nela	Sim, pois me sinto descobrindo o estudo como algo prazeroso e sinto como se a escola estivesse me preparando para a vida.	Não, pois sinto que os conteúdos expostos são desligados da minha realidade e de difícil compreensão o que me faz ir a escola apenas por obrigação	Não faço expectativas com relação aos ensinamentos escolares, freqüento a escola por necessidade de ter um diploma e ser "alguém na vida"	Não Respondeu
15	17	02	07	02

Ainda em relação à vida estudantil, foi perguntado aos estudantes se existia grêmio estudantil na sua escola; as respostas vieram praticamente empatadas: metade dizendo que sim e a outra afirmando que não. Ainda sobre esse mesmo assunto foi pesquisado se eles participam do grêmio e a maioria absoluta respondeu que não. Foi procurado conhecer ainda se, através do grêmio estudantil, os alunos são convidados a pensar o dia-a-dia da escola, sendo que a resposta da maioria é que não porque não

tem sido convidada, porém com uma quantidade um pouco menor de votos os alunos afirmavam que sim, que este é um caminho para pensar o cotidiano do colégio.

Na seqüência, buscou-se conhecer a forma como os alunos demonstram sua satisfação com o colégio. A opção mais assinalada diz que demonstram opinando e ajudando no que pode melhorar, em seguida citava que expressa freqüentando as aulas diariamente e por último apareceu a opção, respeitando as normas pré estabelecidas. Já na questão seguinte falaram sobre a forma que expressam insatisfação, a maior parte dos jovens respondeu que demonstram não prestando atenção nas aulas, outra quantidade expressiva escreveu que o fazem gazeando aula, com menos expressividade foram citadas as seguintes formas: falando com a direção, pedagogos e professores, sendo indiferente ao que acontece lá e que não demonstram insatisfação. A opção conversando no grêmio estudantil não foi assinalada por nenhum jovem.

Análise

Para dar início a essa reflexão reportei-me aos objetivos aos quais me propus nessa pesquisa, procurando analisar se foi possível responder alguns dos questionamentos que me levaram a escrever sobre esse tema. Lembrei que a minha motivação mais forte era perceber se a formação oferecida na escola atende as necessidades, expectativas e perfil dos jovens de ensino médio. Através da forma como os mesmos definem educação escolar pode-se fazer algumas observações.

A maioria deles percebe a escola como sendo a busca pela formação total do aluno, utilizando-se de conteúdos significativos, afim de que o mesmo entenda a sociedade em que vive e atue nela como cidadão. Porém, com pouca diferença, os alunos afirmam quase que o contrário a primeira definição, quando a descrevem como sendo a transmissão de conteúdos do professor para o aluno de modo a prepará-los para cursar a próxima série. Há ainda os que marcaram mais de uma alternativa, sendo que uma delas baseia-se em uma definição ampla e outra restrita. Também foi indicado pelos estudantes que educação escolar é a formação dos alunos para viverem e seguirem as normas e regras da sociedade.

Através das definições acima citadas pode se perceber a falta de clareza dos alunos ao preencher a questão. O que se consegue observar é que para responder

esta, eles não se ativeram muito ao todo da definição mais sim ao que presenciaram ou estão vivenciando na sua formação escolar, tanto que a maioria afirma que o exposto corresponde ao que vivem no dia-a-dia. Poucos foram os que expressaram o contrário e referiam-se a questão que fala sobre a formação total do aluno com conteúdos significativos. Se for feita uma análise somativa desta questão, pode se perceber que por existirem duas alternativas de definição ampla e duas restritas, o olhar dos jovens sobre a educação escolar ficou dividido, metade dos alunos tem uma definição ampla do que é educação escolar enquanto a outra metade tem uma imagem restrita do que seja.

Porém, quando se faz a leitura das cartas escritas, pode-se analisar com um pouco mais de clareza o que eles visualizam como educação escolar e principalmente educação no ensino médio, através de afirmações tais como *“o ensino pedagógico exposto até agora está ou é lento”, “precisamos de um maior dinamismo pedagógico, associado as necessidades do mercado de trabalho”, “O ensino médio é muito bom pois é nele que aprendemos as coisas importantes para a nossa vida, como as coisas que vão cair no vestibular, provas e concursos”, “as aulas deviam ser mais descontraídas, com aulas práticas e os trabalhos em forma de seminário”.*

O exposto acima pode ser confrontado com um dos títulos da fundamentação teórica que fala sobre a finalidade do ensino médio, pois mediante as falas dos alunos consegue-se perceber a confusão quanto a finalidade do mesmo, tanto que para uns é muito lento, para outros muito bom, tudo isso quase sempre amparado com um argumento também citado na fundamentação teórica desse trabalho, que é a idéia de visualizar o estudo como uma ponte para um futuro melhor e para se chegar a isso tem que se passar pelos degraus da conclusão do ensino médio, vestibular, trabalho e faculdade, caminho que a maioria dos jovens concluintes de ensino médio não faz, por empecilhos de ordem financeira.

Uma outra questão interessante é a que os alunos reconhecem que uma das coisas que precisa ser modificada *“é a forma com que eles encaram os estudos”.* Um jovem justifica esta alternativa dizendo *“eu acho que os alunos deveriam ter mais vontade para as coisas e os professores deveriam buscar isso”.*

Outra coisa que eles consideram necessária é a forma de ensinar e aprender: afirmam *“que o ensino deveria ser mais dinâmico e interativo”* *“e que a opinião do aluno*

deveria ser cada vez mais consultada e aceita". Ainda como proposta de mudança é citada a postura dos profissionais, um aluno acrescentou inclusive que *"muitos profissionais não estão aptos e não se identificam com os jovens"*.

Através dessa última fala pode-se analisar que talvez eles não se vejam apenas como a categoria alunos, mais sim a categoria alunos jovens possuidores de características diferenciadas que em muitos casos não se encaixa aos moldes propostos pela escola, tanto que uma aluna expressa *"que a escola é engessada, todo dia é a mesma coisa"*.

Por um lado, "grita-se" por mudança e, por outro, eles mesmos afirmam que não contribuem muito para que ela aconteça. Isso pode ser melhor percebido quando procurou-se saber dos alunos como eles demonstram suas insatisfações. Observou-se que o que foi mais exposto por eles foram questões de ordem individual, eles pouco propõem mudanças coletivas, na maioria das vezes não percebidas pelos próprios alunos. Isto fica demonstrado quando eles afirmam ter como atitude de expressão de suas insatisfação o *"não prestar atenção e gazar as aulas"*.

Há ainda o apontamento, por uma aluna, *"de que os alunos não demonstram nada, são indiferentes. Se não gostam e não estão satisfeitos com determinada coisa, apenas reclamam entre si, não tentam fazer a diferença no meio que estão"*. Isso pode ser associado a idéia que os jovens em sua maioria não participam de grupos, tanto que alguns nem sabem se existe ou não grêmio estudantil na escola e se existe todos os que responderam os questionários não participam.

No entanto, mesmo com várias expressões de que existem falhas e que o ensino mostra-se muitas vezes literalmente mediano, praticamente todos os jovens afirmam que a forma como está organizada a educação do ensino médio atende as expectativas feitas ainda no ensino fundamental, uma vez que os conteúdos ajudam a compreender a sociedade para melhor atuar nela e sentem-se descobrindo o estudo como algo prazeroso e como uma preparação para a vida.

Mesmo assim necessita-se destacar que sete, dos quarenta jovens, afirmam que não fazem expectativas em relação aos ensinamentos escolares e com isso freqüentam a escola por necessidade de ter um diploma e ser "alguém na vida". O que reforça a insistência histórica de visualizar na escola uma finalidade pela qual, ela não

desempenha e não caracteriza-la efetivamente como socializadora de um conhecimento que faça do ser humano um sujeito consciente e ativo na sua realidade.

Ao se inculcir essa idéia credencialista da educação escolar na mentalidade infantil e posteriormente juvenil e, em muitos casos, através da própria escola, faz-se com que se perca o real sentido e finalidade da educação escolar que tem como foco central contribuir com a humanização da pessoa, formação esta que tem se apresentado falha nos tempos atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude sempre me chamou muita atenção, sua forma de se manifestar com “instabilidades” e “certezas”, “descaso” e “comprometimento” sempre me inquietaram e, por já ter trabalhado com a juventude em um outro ambiente diferente da escola, estranhei aquele imobilismo que visualizei nos jovens no ambiente educacional. A partir desse olhar exposto acima, alguns questionamentos me envolveram, tais como: O que está errado? Como eles percebem a escola? O que eles buscam nela? O que estamos ofertando a eles? Que tipo de pessoa estamos efetivamente “formando”? Afinal, todas as etapas de formação são importantes, mas é na juventude que mudanças substanciais ocorrem e é nesta também que muitas vezes dois caminhos se abrem e uma escolha se faz e parece que, talvez, nós da educação não estejamos dando a devida atenção que isto merece.

Juntei todas estas idéias e procurei transforma-las em um problema de pesquisa de modo a compreender melhor como agir. Meu objetivo passou a ser o de perceber a partir do olhar do jovem o tipo de formação que eles buscam na escola e se a que esta sendo ofertada atende as necessidades, expectativas e o perfil juvenil. Para tanto procurei entender como foi pensado o ensino médio desde sua concepção; como está pensado hoje e o que realmente acontece na escola. Após este estudo, procurei perceber os limites e possibilidades do processo ensino –aprendizagem, com o olhar voltado mais para o como o aluno aprende do que para o que ensinar.

Me perguntei, então, sobre quem são esses jovens e busquei conhecer o que se tem escrito sobre o assunto. Porém considero que um ponto muito enriquecedor da pesquisa teórica foi ler as cartas que os jovens escreveram sobre o ensino médio presentes no livro da UNESCO “Estar no Papel”. O que eles trazem com uma linguagem muito característica da juventude são apontamentos claros do que é e também o que poderia ser este ensino, através de expressões ora tranquilas e em outras revoltadas.

Porém, foi na análise dos dados coletados que pude compreender melhor alguns elementos da formação dos jovens, através das cartas e questionário. Tive a oportunidade de tentar visualizar alguns pensamentos sobre os estudos que talvez num bate papo cotidiano não seja expresso. É claro que este tema que propus ao iniciar este

trabalho é amplo e o público alvo aonde o desenvolvi, restrito, por isso destaca-se que as aproximações ao real a qual chegou-se não são e não tem a pretensão de ser percebidas como “dogmas/”paradigmas” ou “verdades” e o que se pode saber sobre esse assunto continua sendo amplo e abrangente.

Destaco aqui algumas reflexões que pude perceber a partir desta pesquisa. É muito complicado e até um pouco utópico buscar conhecer que tipo de formação a juventude almeja, uma vez que pode se perceber a heterogeneidade de pensamentos e idéias que circundam a juventude. Percebi também que a forma como o ensino médio foi pensado e estruturado para a classe trabalhadora produziu reflexos que podem ser percebidos até os dias atuais: a idéia de formar para o trabalho, depois para qualquer coisa, demonstrando um estudo meio descompromissado e sem finalidade clara mais que se apresenta como o máximo para quem não tinha nada.

Isso pode ser percebido em algumas respostas dadas pelos jovens no questionário ou escritas nas cartas, uma vez que em alguns momentos nestes documentos eles expressam a necessidade de mudanças estruturais e, indiretamente, demonstram um descontentamento com a organização oferecida. Quando a solicitação muda levemente de foco, eles expressam unanimemente que, como está, o ensino médio atende as suas necessidades, expectativas e perfil.

Esta oscilação de sentimentos parece ter origem num falta de clareza que não é apenas deles, mas de todos os envolvidos com a educação pública, de modo a conseguir destacar o que não funciona, mas estar despreparado para apontar caminhos e, muitas vezes, nem conseguir visualizar que existem caminhos melhores que devem ser efetivados.

Em uma das questões sobre educação escolar os jovens demonstraram saber o que é uma educação escolar “ideal”, bem como compreendem que na maioria das vezes essa não condiz com o que vivenciam. O que apresentou-se como necessidade de reordenação, parece ser justamente esta ajuda que os profissionais devem fornecer aos alunos jovens neste processo de organização das idéias, pois sem limitações e direcionamentos as coisas importantes e concretas vão se tornando vazias e desfocadas.

Os jovens demonstraram sentir necessidade deste acompanhamento acadêmico mais profundo, de professores e funcionários mais bem preparados e de alunos mais

interessados e os apontamentos de mudança que os mesmos expressam, muitas vezes nas entrelinhas, são ao mesmo tempo inocentes e fortes, inocentes pela obviedade e fortes pela verdade que retratam.

O apelo que geralmente fazem é por uma maior interação e intervenção nos seus estudos (solicitam e agradecem por serem ouvidos), aulas mais dinâmicas, cotidiano menos engessado, infra-estrutura mais adequada e alguns até arriscam brincar com a nomenclatura dada ao ensino médio, citando que “médio” (no sentido de “mediano”, “mediocre”) é realmente o ensino ofertado. Algo que apareceu de maneira expressiva foi a idéia de que o ensino médio é uma preparação para o vestibular e que garante um futuro melhor e “ser alguém na vida”. Muitos vêem apenas neste possibilidades para alcançar seus objetivos e portanto só o fato de estar cursando já é a garantia de algo melhor.

Iniciei esta pesquisa com questionamentos e a conluo (talvez provisoriamente) com outros, o que me leva a certificar que esse processo é cíclico e constante, uma vez que são insaciáveis as perguntas que levam a querer conhecer cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Estar no papel: Cartas dos jovens do Ensino Médio**. Brasília: UNESCO, 2005.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1981.

BRUEL, Ana Lorena de Oliveira. **Ensino Médio, currículo e subjetividade**. 2000. 94f. Monografia (Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

CASTRO, Mary Garcia. Panorama Geral e leitura própria sobre as pesquisas da UNESCO no Brasil sobre Juventudes. In: NOVAES, Regina Reys et al. **Juventude, Cultura e Cidadania**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: 2002. p. 63-90.

CIAVATTA, Maria e FRIGOTTO, Gaudêncio. **Ensino Médio: Ciência, Cultura e Trabalho**. 1ªed. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Jovens Acontecendo na trilha das Políticas Públicas**. Volume 2. Brasília: CNPD, 1998, p. 769.

COQ, Guy. Massa x elite não é a questão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 de junho de 1993, Caderno World Media, p.4.

CORTI, Ana Paula, FREITAS, Maria Virgínia de, e SPOSITO, Marília Pontes. **O encontro das culturas juvenis com a escola**. 1ªed. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

ESTEVE, José M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 11ªed. São Paulo: Libertad, 2003, p.47.

FRANCO, Maria Laura Puglisi. **Ensino Médio: Desafios e Reflexões**. 1ªed. Campinas/SP: Papyrus, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa e NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do Ensino Médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n° 112, p.167-183, março/2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Geográficos 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 21out. 2006.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Senso Escolar**. Disponível em: <http://www.inep.org.br>. Acessado em 04 nov. 2006.

KUENZER, Maria Zeneida. **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHAIS. **Dados Históricos**. Disponível em: <http://www.pinhais.pr.gov.br>. Acesso em 26 jan. 2007.

SALES, Mione Apolinário et al. **Política Social, Família e Juventude: Uma questão de direitos**. 1ªed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. O professor como intelectual na Sociedade contemporânea. In: VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 11ªed. São Paulo: Libertad, 2003, p.47.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 8ª ed. São Paulo: Libertad, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 11ªed. São Paulo: Libertad, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

O questionário abaixo proposto é parte de uma pesquisa para conclusão do curso de pós graduação em Organização do Trabalho Pedagógico, com o seguinte tema Jovens do ensino médio: que tipo de formação eles buscam na escola?, os dados oportunizados serão utilizados apenas para fins acadêmicos.

Dados Pessoais

1. *Idade:*
2. *Sexo: Feminino() Masculino ()*
3. *Você mora em(Cidade) com:*
 - a) *() sua família(pais, irmãos, tios, avós)*
 - b) *() seu marido ou sua esposa, namorado(a), com ou sem filhos.*
 - c) *() seu marido ou sua esposa na casa de seus pais ou de seus sogros*
 - d) *() com amigos*
 - e) *() sozinho(a)*
 - f) *() outra situação.....*

4 *Qual é o seu estado civil:*

- () solteiro(a) ()casado(a) ()amigado(a) () separado/divorciado*

Gostos e preferências

5. *Participa de algum grupo, associação, torcida, etc....?*

- a) *() Sim*

Qual?

- | | |
|--|---|
| <p>a) <i>() de jovens de igrejas</i></p> <p>b) <i>() de música</i></p> <p>c) <i>() de dança</i></p> | <p>j) <i>() de grêmio estudantil</i></p> <p>k) <i>() defesa ambiental/ecologia</i></p> <p>l) <i>() Conselhos (escolar, tutelar, etc)</i></p> |
|--|---|

- d) () de teatro
e) () de esportes
f) () de patins
g) () de skate
h) () de bicicleta
i) () de grafite
- m) () de assistência social
n) () de combate as drogas e alcoolismo
o) () de associação e/ou movimentos sociais
p) () Partidos políticos
q) () outro Qual?.....

6. Quais os direitos que você considera mais importantes? Assinale três opções:

- () Liberdade
() igualdade política
() igualdade social
() justiça
() emprego
() educação
() cultura
() saúde
() moradia
() segurança
() alimentação
() lazer/esporte

7. Quais atividades você mais gosta de desenvolver no tempo livre?

- () Ir dançar/baile
() Ir à missa/igreja/culto
() Ir ao Shopping
() Ir a festas me casas de amigos
() Ir a bares com amigos
() Ir ao cinema
() Praticar esportes/atividades físicas
() Assistir jogos
() Ir a show de música
() Assistir TV/Jogar videogame

() Ir ao teatro

() outro.....

8. Que atividades você gostaria de realizar e não realiza:

Motivo	Atividade(completar)
Por falta de dinheiro	
Por falta de tempo	
Por proibição dos pais	
Por outro motivo	

Dados Profissionais

9. Você está trabalhando?

a. () Sim

Seu trabalho é:

() Estágio?

() trabalho temporário com registro em carteira?

() trabalho temporário sem registro em carteira?

() trabalho fixo com registro em carteira?

() trabalho fixo sem registro em carteira?

() funcionário público contratado?

() funcionário público estatutário?

() Autônomo?

O que faz no trabalho?.....

b. () está desempregado procurando trabalho

c. () está desempregado e não está procurando trabalho

d. () Nunca Trabalhou

Obs: Se sua resposta for b, c ou d. pule para a questão 12

Em médio quantas horas você trabalha por dia?

a. () até 6 horas

b. () de 6 a 10 horas

c. () Mais de 10 horas

A atividade que você exerce na empresa ou instituição pode ser classificada como:

- a. () comércio
- b. () escritório ou setor de vendas de uma indústria
- c. () linha de produção e/ou montagem/construção civil
- d. () serviços domésticos
- e. () bancos, entidades financeiras, transporte, comunicações, hotéis, serviços pessoais, manutenções.
- f. () recepcionista e atendente em consultórios e escritórios.
- g. () auxiliar administrativo
- h. () auxiliar em corretora de imóveis.
- i. () administração pública

Sobre Educação Escolar

10. Se fosse para você conceituar o que é educação escolar, você a definiria com sendo:

- a. () A transmissão de conteúdos do professor para o aluno de modo a prepará-los para cursar a próxima série.
- b. () É a interação entre o que o aluno já sabe com os conteúdos que a escola ensina como conteúdos novos para ampliar seus conhecimentos iniciais.
- c. () É a formação dos alunos para viverem e seguirem as normas e regras sociais.
- d. () É a busca pela formação total do aluno, através de conteúdos significativos, afim de que o aluno entenda a sociedade em que vive e atue nela como cidadão.
- e. () É o exercício de atividades de treinamento, com “decorebas” e cópias com o intuito de receber nota suficiente para “passar de ano”.

11. A partir da definição acima responda:

- a. () a definição condiz com o que você vivência no seu colégio.
- b. () a definição não condiz com o que você vivência no seu colégio, mas é o que gostaria que fosse.

Justifique.....

12. Na sua opinião o que precisa mudar na educação escolar:

- A forma de ensinar e aprender
- A postura dos profissionais que trabalham na educação
- A forma com que os alunos encaram os estudos
- A rotina cotidiana da escola
- As avaliações (provas e trabalhos)
- As normas e regras de disciplina

Justifique.....

Formação no ensino médio

13. A forma como está organizada a educação no ensino médio (aulas, provas, trabalhos, horários, etc) atende as suas expectativas feitas ainda no ensino fundamental?

Sim, pois os conteúdos me ajudam a compreender a minha vida na sociedade para poder atuar melhor nela.

Sim, pois me sinto descobrindo o estudo com um ato prazeroso e sinto como se a escola estivesse me preparando para a vida.

Não, pois sinto que os conteúdos expostos são desligados da minha realidade e de difícil compreensão, o que me faz ir a escola apenas por obrigação.

Não faço expectativas com relação aos ensinamentos escolares, frequento a escola por necessidade de ter um diploma e ser "alguém na vida".

14. Existe grêmio estudantil na sua escola?

sim não

Você participa?

sim não

Através do grêmio os alunos são convidados a pensar o dia-a-dia da escola?

sim não

15. Na sua opinião como os jovens do ensino médio expressam sua satisfação com o colégio e a organização da aprendizagem?

frequentando a aula todos os dias.

respeitando as normas pré estabelecidas

opinando e ajudando no que precisa melhorar

outro.....

.....

16. Na sua opinião como os jovens demonstram as suas insatisfações com o colégio e a organização da aprendizagem?

() Não prestando atenção nas aulas.

() Gazeando

() Falando com direção, professores e pedagogos.

() Conversa no grêmio estudantil

() Não demonstram as insatisfações

() Sendo indiferente ao que acontece lá.

() outro.....

11	29	08	01	01	03	02	03	01	01
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Tabela 6

Direitos mais importantes – 3 opções										
Liberdade	Igualdade Social	Emprego	Cultura	Alimentação	Moradia	Educação	Justiça	Saúde	Segurança	Lazer/ esporte
13	15	15	01	10	09	20	03	17	08	03

Tabela 7

Atividades que gosta de desenvolver no tempo livre											
sportes	Igreja	TV	Festas	Jogos	Bares	Cinema	Outro	Dançar	hopping	Show	Teatro
15	12	16	12	05	08	09	02	07	08	05	03

Tabela 8

Atividades que gostaria de realizar e não realiza				
Atividade	Motivo			
	Por falta de dinheiro	Por falta de tempo	Por proibição dos pais	Por outro motivo
Viagem	07	01	01	0
Festas	02	0	03	0
Cursos	05	02	0	0
Contra turno no colégio	0	02		
Sair a noite / Sair/ Sair com os amigos	01	01	07	0
Projetos da escola		02		
Automobilismo	01			
Tocar violão	01			
Teatro	01			
Comprar/ comprar um computador	03			

Praia	0	01	0	0
Natação	01	0	0	0
Jogar Bola/Jogar vôlei/ escola de futebol	02	04		
Trabalhar	0	0	0	03
Nenhuma	05	04	06	04
Shopping		01		
Namoro em casa	0	0	03	0
Exercícios Físicos	0	01		
Fazer aula de dança	01			
Ajudar hospital e/ou azilo		01		
Dançar e ir a show de música			01	
faculdade	01	0	0	0

Tabela 9

Quanto a trabalho			
Está desempregado procurando trabalho	Está desempregado e não está procurando trabalho	Nunca trabalhou	Está trabalhando
07	03	22	08

Tabela 9.1

Seu trabalho é		O que faz no trabalho
Estágio	03	<ul style="list-style-type: none"> • Leva informação a população • Atendimento ao público, arquivamento, escreve documentos. • Auxiliar administrativo <ul style="list-style-type: none"> • Não disse •
Trabalho temporário com registro em carteira		
Trabalho temporário sem registro em carteira		
Trabalho fixo com registro em carteira	04	
Trabalho fixo sem registro em carteira		

Funcionário público contratado	01	<ul style="list-style-type: none"> • Auxiliar de balconista "Farmácia" • Aprendiz de garçon • Auxiliar de berçário
Funcionário público estatutário		
Autônomo		

Tabela 9.2

Quantas horas você trabalha			
Até 6 horas	De 6 a 10 horas	Mais de 10 horas	Outro
05	02		01 (4 horas)

A atividade que você desenvolve pode ser classificada como						
Comércio	Linha de produção e/ou montagem	Escritório ou setor de vendas de uma indústria	Auxiliar administrativo	Bancos, entidades financeiras, transporte etc...	Não respondeu	Outro
04	01	01	01	01	01	01

Tabela 10

	A	B	C	D	E
	14	06	11	19	
Condiz com o que você vivência na escola	12	03	10	12	
Não condiz mais gostaria que fosse	02	02	01	07	
Tem outra definição		01			

Tabela 12

O que precisa mudar						
A forma de ensinar e aprender	A postura dos profissionais	A forma com que os alunos encaram os estudos	A rotina cotidiana da escola	As avaliações (provas e trabalhos)	As normas e regras de disciplina	Não resp
12	07	23	04	05	03	02
<ul style="list-style-type: none"> Os alunos vêem os estudos como obrigação É necessário ser mais rude, pois hoje em dia os alunos não se interessam mais por nada Muitos alunos vão para a escola somente para brincar e acabam atrapalhando os outros. Acho que os alunos deveriam ter mais vontade para as coisas e os professores deveriam buscar isso. Ter uma forma mais dinâmica de ensinar Poderia ter aulas mais dinâmicas e interativas Os alunos são irresponsáveis com os estudos Não deveria ser sempre as mesmas coisas Porque muitos deles não estão aptos e não se identificam com jovens A escola é engessada, todo dia é a mesma coisa Muitos alunos não pensam no futuro, já é hora de encarar com mais realidade o futuro Porque muitos alunos não vem para a escola com a intenção de estudar Porque os alunos levam tudo na brincadeira Não é muito bom vir a escola mas teria que ter mais horário de aula o Brasil tem um horário muito pequeno em relação a outros países. Os alunos não dão verdadeiro valor a educação que recebem e as aulas deveriam ser mais dinâmica Uma prova não quer dizer nada, pois na hora da prova a pessoa pode estar nervosa e ficar sem saber o que fazer As normas são muito rígidas Existem profissionais que não ensinam direito e querem que os alunos aprendam, mas aprender como? As provas são sempre muito complicadas de entender e os trabalhos difíceis de pesquisar Muitos professores poderiam melhorar seu método de ensino e ao mesmo tempo sua forma de interagir com os alunos. 						

Tabela 13

A forma como a educação está organizada no ensino médio atende as suas expectativas				
Sim, pois os conteúdos me ajudam a compreender a minha vida na sociedade para poder atuar melhor nela	Sim, pois me sinto descobrindo o estudo como algo prazeroso e sinto como se a escola estivesse me preparando para a vida.	Não, pois sinto que os conteúdos expostos são desligados da minha realidade e de difícil compreensão o que me faz ir a escola apenas por obrigação	Não faço expectativas com relação aos ensinamentos escolares, freqüento a escola por necessidade de ter um diploma e ser "alguém na vida"	Não Respondeu
15	17	02	07	02

Tabela 14

Existe grêmio estudantil na tua escola?			Você participa?			Através dele os alunos são convidados a pensar o dia-a-dia da escola		
Sim	Não	Não Resp	Sim	Não	Não Resp	Sim	Não	Não resp
20	18	02	01	32	07	14	17	09

Tabela 15

Como os jovens demonstram sua satisfação com o colégio?				
Freqüentando a aula todos os dias	Respeitando as normas pré estabelecidas	Opinando e ajudando no que pode melhorar	Outro	Não respondeu
15	11	17	01	02

Tabela 16

Como os jovens demonstram as suas insatisfações como colégio?							
Não prestando atenção nas aulas	Gazeando	Falando com a direção, professores e pedagogos	Conversando no grêmio estudantil	Não demonstram as insatisfações	Sendo indiferente ao que acontece lá	Outro	Não respondeu
19	12	07	0	05	06	03	02

Outro: Na verdade não demonstram a sua insatisfação, são indiferentes. Se não gostam e não estão satisfeitos com determinada coisa, apenas reclamam entre si, não tentam fazer a diferença no meio que estão.